

CREIO

no Pai, no Filho e no Espírito Santo

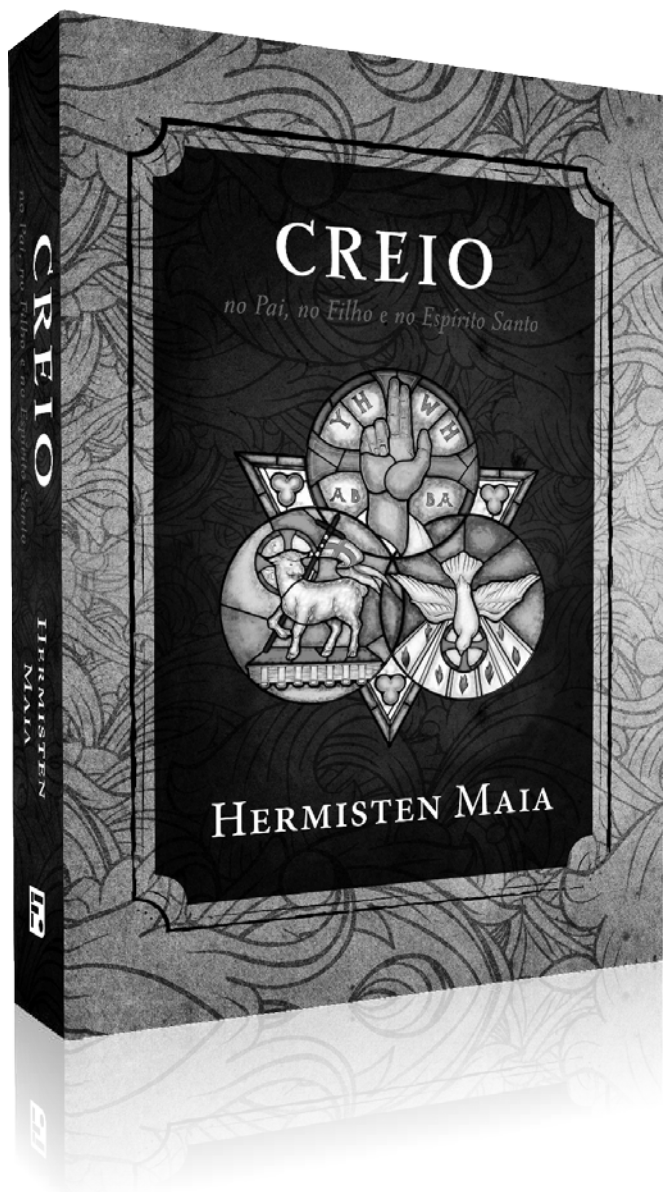


HERMISTEN MAIA

Trechos selecionados para Páscoa



Este trecho possui somente alguns capítulos do livro, relacionados com a morte e ressurreição de Cristo. Para mais informações sobre o livro, acesse: www.editorafiel.com.br.



O pastor presbiteriano Hermisten Maia é um dos mais prolíficos eruditos cristãos no Brasil. Aqueles que têm a oportunidade de ler alguns dos seus muitos ensaios e livros se beneficiam não somente das detalhadas bibliografias sugeridas para pesquisa posterior, mas de textos edificadas na Sagrada Escritura, em interação respeitosa com a tradição cristã e leais à tradição confessional e reformada. Recomendo com alegria este comentário ao Credo dos Apóstolos, que pode ser usado com proveito no estudo pessoal, em classes de novos membros, grupos pequenos e, em seminários e faculdades teológicas, em cursos introdutórios à teologia sistemática. Que, ao redescobriremos a beleza e vigor das doutrinas centrais da fé cristã, como expostas nesta obra, sejamos edificados, confortados, guiados e desafiados, e que Deus em tudo seja glorificado.

Franklin Ferreira,
Diretor do Seminário Martin Bucer

Dr. Hermisten é uma das pessoas mais bem qualificadas no Brasil para sintetizar o pensamento evangélico histórico. A igreja brasileira carece de obras que sejam bíblicas em seu embasamento, teologicamente comprometidas com a interpretação histórica da Igreja Cristã, claras e lógicas em sua exposição e que possam ser aplicadas às necessidades práticas dos cristãos brasileiros. “Creio” reúne todas estas qualificações. Recomendo com entusiasmo.

Augustus Nicodemus Lopes,
Diretor do Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper.

A despeito do vigoroso espírito combativo demonstrado pela sociedade dos nossos dias contra o cristianismo, não se ignora que este cristianismo consiste no fenômeno mais extraordinário de toda história humana. O Reverendo Hermisten, na sua incessante busca do conhecimento, sua marca indelével, e como arqueólogo do saber teológico, desvenda-nos com grande lucidez as bases e fundações do Cristianismo Bíblico. Analisa as principais “declarações de fé” proferidas pela cristandade. Seu livro pode ser tomado como um manual Histórico-Teológico do pensamento e prática evangélica. Mostra-nos com precisão a “rocha” sobre a qual Cristo, o Filho do Deus Vivo, edifica sua Igreja.” (Mateus 16.18)

Wilson Santana,
Pastor da Congregação Presbiteriana Memorial - Diadema

Nesta obra encontramos um verdadeiro compêndio de teologia, no mais preciso sentido do termo, caracterizada pela profundidade intelectual, simplicidade pastoral, historicamente contextualizada, intrinsecamente fundamentada na Escritura Sagrada. Leitura essencialmente norteadora para todos que desejam aprofundar-se em conhecer o desenvolvimento histórico de sua fé cristã bíblica, e, por conseguinte, também aspiram explicitá-la de um modo coerente em seu viver.

Christian Brially,
Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dr. Hermisten, mais uma vez, nos presenteia com um livro estimulante. Ele demonstra a importância de se estudar o Credo Apostólico, assim como a necessidade de resgatarmos o “Eu Creio” corporativo ao invés do “Eu Creio” individual. Esta é a fé da Igreja do Senhor pelos séculos. Por isto o “Eu Creio” será de grande utilidade para a realidade eclesíástica dos nossos dias.

Paulo Brasil,
Professor de Hebraico e Exegese do Seminário Presbiteriano do Norte - Recife-PE

A obra “Creio” evidencia muito da personalidade, convicção teológica e zelo ministerial do seu autor. O Rev. Hermisten, há mais de 30 anos no ministério pastoral e docência em seminários, sempre metódico nas suas elaborações e exposições, consegue reunir simplicidade e erudição nas suas aulas, textos e sermões. Além dessas qualidades importantes, o seu temor a Deus e fidelidade às Escrituras, conferem-lhe autoridade. Desde os seus primeiros anos de ministério dedicou-se em preparar cuidadosamente os estudos oferecidos às suas congregações, suprimindo-as com material escrito como suporte para acompanhar tais estudos (vários desses textos foram publicados posteriormente por diferentes editoras que zelam pela divulgação da Sã Doutrina). O presente texto, também teve origem como material para a instrução da igreja local, zelosamente preparado. Estendida a sua abrangência, com a publicação, torna-se material de grande relevância para pastores, seminaristas, professores de Escola Dominical e para todos aqueles que se empenham no estudo da doutrina bíblica. A exposição dos temas do Credo Apostólico, analisando o contexto no qual foi produzido, apresentando a sua fundamentação bíblica, dialogando com outras elaborações teológicas de outros períodos, é grande contribuição à Santa Igreja do nosso Senhor Jesus Cristo, para a glória de Deus.

José Normando Gonçalves Meira
Pastor da Oitava Igreja Presbiteriana de Montes Claros

A importância desta obra está embasada no valor da mais extraordinária expressão cristã, àquela utilizada quando todo crente que ouve as boas novas do Evangelho, por meio do chamado eficaz, faz questão de ressaltar a plenos pulmões: “Eu Creio”. Uma expressão simples e rotineira, que se torna poderosa quando realmente compreendida. Sim, compreendida a expressão “eu creio” significa uma verdadeira Pública Profissão de Fé. Contudo, para dizê-la, em uma época tão relativista nada mais importante do que tomar os caminhos apontados pelas testemunhas verdadeiras que idealizaram o Credo dos Apóstolos, e para nos

conduzir nesta jornada, no valor de cada sentença elaborada pelos nossos pais da fé, é muito bom contar com o pedagogo da Reforma nas terras brasileiras, o professor Hermisten, um teólogo de nosso tempo que sabe como poucos vincular conhecimento teológico a prática vivencial da Igreja.

Donizeti Rodrigues Ladeia,
Professor de Filosofia e Sociologia no Seminário Teológico Presbiteriano
José Manoel da Conceição

O Credo Apostólico é um dos mais antigos e belos documentos da Cristandade. Suas palavras, cuidadosamente selecionadas e precisas, denotam uma riqueza teológica cheia de significado para a fé cristã. Sua fórmula sucinta e fácil de gravar tem sido usada pela igreja cristã há quase dois mil anos, tanto na oportunidade do batismo de novos cristãos como também como expressão de adoração no culto público. É também um poderoso instrumento para a unidade cristã, trazendo a fé cristã a um núcleo confessional fundamental e definindo um perímetro doutrinal seguro. Mas, acima de tudo, o Credo é um compromisso de fé. É a resposta de fé que o cristão sincero pode oferecer à Palavra de Deus, revelada nas Sagradas Escrituras. Neste livro, temos um comentário circunstanciado do Credo, feito com a precisão, clareza, coração pastoral e erudição que caracterizam tudo quanto Dr. Hermisten Maia escreve. Uma obra de referência, que pode ser usada tanto no contexto de ensino na igreja como nas salas de aulas dos seminários. Este é o tipo de livro que não pode faltar em nenhuma biblioteca.

Tiago J. Santos Filho,
Editor-Chefe Editora Fiel

CREIO

no Pai, no Filho e no Espírito Santo



HERMISTEN MAIA

 **FIEL**
Editora

C837e

Costa, Hermisten Maia Pereira da

Eu creio : no Pai, no Filho e no Espírito Santo /
Hermisten Maia Pereira da Costa – São José dos
Campos, SP : Fiel, 2014.
608 p. ; 16x23cm.

Prefácio de Alceu Davi Cunha.
Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8132-174-5

1. Credo apostólico. 2. Trindade. I. Título.

CDD: 238

Catálogo na publicação: Mariana Conceição de Melo – CRB07/6477

Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo

Copyright © 2013 Hermisten Maia Pereira da Costa

Publicado em português por Editora Fiel

Copyright © 2013 Editora Fiel

Primeira Edição em Português: 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Diretor: James Richard Denham III

Editor: Tiago J. Santos Filho

Revisão: Editora Fiel

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Rubner Durais

ISBN: 978-85-8132-174-5



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO	9
PREFÁCIO	11
PALAVRA EXPLICATIVA	13
1 – OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA: INTRODUÇÃO GERAL.....	17
2 – OS CREDOS E AS CONFISSÕES.....	39
3 – A INSPIRAÇÃO E INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS.....	87
4 – A FÉ SALVADORA.....	115
5 – A PATERNIDADE DE DEUS.....	149
6 – O SOBERANO PODER DE DEUS.....	167
7 – O DEUS CRIADOR	199
8 – A VINDA DE JESUS CRISTO	231
9 – A PESSOA DE CRISTO	245
10 – A UNIDADE E A NECESSIDADE DAS DUAS NATUREZAS DE CRISTO	255
11 – O FILHO UNIGÊNITO DE DEUS	285

12 – JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR	297
13 – O MINISTÉRIO TERRENO DE JESUS CRISTO	307
14 – OS SOFRIMENTOS DE CRISTO	317
15 – JESUS, O SALVADOR	329
16 – O SACERDÓCIO DE CRISTO	341
17 – A RESSURREIÇÃO DE CRISTO	355
18 – A ASCENSÃO DE JESUS CRISTO	375
19 – A SEGUNDA VINDA DE CRISTO	385
20 – O JUÍZO FINAL	419
21 – CREIO NO ESPÍRITO SANTO: SUAS PERFEIÇÕES E DIVINDADE	437
22 – A IGREJA DE DEUS: UNA, SANTA E UNIVERSAL	485
23 – AMÉM	529
ADENDO	537
O Credo Apostólico em grego, latim e português	
APÊNDICE 1	541
A Igreja Presbiteriana do Brasil e os Símbolos de Fé	
APÊNDICE 2	553
Principais Catecismos e Confissões Reformados: subsídios históricos	
ÍNDICE SISTEMÁTICO	565

APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO

*F*oi com muita alegria que recebi o convite da Editora Fiel para publicar a segunda edição deste livro anteriormente publicado pela Editora Parakletos.

Já faz quase doze anos quando apresentei a palavra explicativa a respeito da elaboração da primeira edição deste trabalho. Esta nova edição mantém os capítulos originais acrescidos apenas de ampliações de alguns tópicos. Contudo, a teologia é a mesma. Permaneço convencido da necessidade da Igreja permanecer fundamentada na Escritura, valendo-se das contribuições dos diversos servos de Deus ao longo da história, sempre atenta à única autoridade infalível que é Deus falando em sua Palavra.

Desejo que este livro continue sendo útil da edificação da Igreja em sua compreensão a respeito de doutrinas ensinadas nas Escrituras e, portanto, fundamentais à nossa fé.

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa
Maringá, 20 de janeiro de 2013

PREFÁCIO

A palavra *Credo*, cujo significado – *creio eu* – refere-se ao ato pelo qual o homem reconhece e confessa a realidade e o conteúdo da sua fé.

O histórico e precioso documento chamado “*Credo dos Apóstolos*”, matéria da análise deste livro, tem sido conservado pelos cristãos, e ecoado através dos séculos como uma profissão de fé em que se define a doutrina base da Igreja. Sendo inicialmente elaborado para a confissão de fé batismal dos que iam se tornando cristãos, foi acrescido, posteriormente, de outros artigos, tomando a forma em que o conhecemos hoje.

Contudo, desde há muito, até aos nossos dias, em todo o mundo, cristãos de todos os matizes o sabem de cór e o proclamam, liturgicamente, com devoção.

No entanto, poucos têm imergido na profundidade doutrinária destas declarações, ou percebido o mundo teológico que as envolve, realçando razões, alicerce e o fundamento bíblico que lhes dão suporte.

É isto o que vemos na presente obra do já apreciado e respeitado autor, Rev. Herminsten Maia Pereira da Costa, cuja formação teológica que hoje atinge

a níveis de doutorado, teve sua base no bacharelado do Seminário Presbiteriano do Sul na sua fase pós crise na segunda metade dos anos setenta.

Com uma didática de Mestre, trazendo-nos uma soma espantosa de informações, e abrindo-nos, através de substanciosas notas, centenas de obras, o autor esclarece, fundamenta, comunica, informa e, na verdadeira acepção da palavra, ensina a boa doutrina, e o faz com fidelidade e clareza.

O pastor, o professor de Escola Dominical, o estudioso da Palavra de Deus vão encontrar neste tratado teológico uma fonte de boa doutrina reformada, desenvolvendo os temas mais importantes da teologia cristã, como Teontologia, Cristologia e Pneumatologia, e outros, inseridos nestes, como Eclesiologia e Escatologia.

Todos aqueles que amam a Palavra de Deus, e se deleitam no estudo sério das Escrituras Sagradas, ao compulsarem esta obra serão fortalecidos e perceberão a magnitude e a profundidade que subjazem nesta bendita expressão: "*Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo*".

Ocupando com notável competência, já há quase duas décadas, a cadeira de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Reverendo José Manoel da Conceição, em São Paulo, o Rev. Hermisten, despretencioso, sempre avesso a honrarias e poder, tem contribuído com sua personalidade, seus livros e aulas, para a formação teológica e ética de algumas gerações de pastores que muito honram o ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Em meio aos desvios da fé que expressam o tumultuado mundo religioso em que vivemos, chega-nos, em boa hora, esta publicação teológica, bíblica e orientadora, enriquecendo não apenas boas bibliotecas, mas mentes e corações sequiosos da verdade.

Somos gratos a Deus pela vida enriquecedora do mestre, teólogo, pastor e amigo, Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa, cuja palavra, escrita ou falada, testemunha em verdade o título da sua obra.

Alceu Davi Cunha

São Bernardo do Campo, outono de 2002

PALAVRA EXPLICATIVA

ste livro surgiu basicamente de uma necessidade. Em abril de 1988, percebi a necessidade de elaborar lições para serem estudadas na Escola Dominical da Igreja da qual era pastor: Igreja Presbiteriana de Vila Guarani, São Paulo, Capital. Escolhi o *Credo Apostólico* como rota de estudo por ver nele uma boa síntese da Fé Cristã.

A Igreja começou a estudar os textos no primeiro domingo de julho de 1988, continuando, de modo ininterrupto até agosto de 1991.

Na elaboração e análise destes textos, algumas observações devem ser feitas:

1) Os textos foram escritos de maneira mais simples possível a fim de serem acessíveis aos crentes em geral. Neste mister, a Sr^a Neuraci Maria Toscano Salerno foi de grande valia. Como professora de uma das classes de adultos, eu lhe pedi que lesse boa parte dos textos escritos, a fim de que opinasse quanto à compreensão do mesmo bem como à possibilidade de sua ministração. Ela atendeu o meu pedido com competência e generosidade.

2) Cada texto foi estudado num período que variou entre quatro e oito semanas.

3) No final de cada capítulo – com poucas exceções –, ao invés de apresentar uma conclusão, indiquei algumas implicações doutrinárias e práticas do assunto abordado. Este método parte da maneira como olho as Escrituras: entendendo que toda doutrina ensinada nas Escrituras tem relação com outras doutrinas; e estas, têm implicações direta com a nossa ética. Cada doutrina estudada deve vir acompanhada da questão pessoal e intransferível – e por isso mesmo, de extrema relevância: o que devo fazer?

4) Nos textos originalmente estudados, apresentei, ao final, sugestões de leitura para que o assunto pudesse ser aprofundado por quem se interessasse. Essas sugestões não foram incluídas nesta coletânea.

Quanto ao texto que agora temos reunido, devemos destacar algumas coisas. Entre a primeira redação das lições e a sua reunião final, passaram-se vários anos e, algumas modificações foram feitas. Obviamente os textos foram ampliados partindo de algumas novas leituras; no entanto, a estrutura é a mesma do início. Nessas ampliações, os textos ganharam vida própria; assim, alguns comentários feitos em determinados capítulos foram acrescentados a outros para conferir maior sentido na compreensão daquele texto isolado. Deste modo, algumas repetições serão inevitáveis, considerando também que, mesmo reunindo os capítulos, procurei preservar cada um como texto autônomo, para que o leitor, comece por onde começar, tenha sempre um texto completo em cada capítulo.

Outro fato, é que, se por um lado os textos foram aperfeiçoados dentro da mesma estrutura, o capítulo sobre o Espírito Santo sofreu aqui um grande corte, tendo em vista que a partir das cinco lições originais, deixei apenas a primeira, com os acréscimos já mencionados. A razão é simples. Esses capítulos tornaram-se livro independente, seguindo a mesma estrutura, apenas extremamente maior. No entanto, no capítulo preservado, abordamos o que julgamos essencial a este livro: o tratamento do Espírito como Pessoa Divina.

O capítulo sobre o *Sacerdócio de Cristo* não fazia parte original dessa coletânea. No entanto, o mesmo também foi estudado na Igreja em outro período. Eu o inseri por considerá-lo pertinente à nossa abordagem do assunto.

A introdução sobre os *Símbolos de Fé*, foi apresentada pela primeira vez em 19/5/90, na Igreja Presbiteriana de Pedro Leopoldo, MG., no encontro promovido pela Secretaria de Educação Religiosa do Presbitério Metropolitano. O texto também passou por revisões, no entanto, a estrutura original foi mantida.

Finalizando, registro que na redação original de todos esses tópicos, sou devedor a muitas pessoas, que por certo não são responsáveis pelas inevitáveis falhas. Todavia, gostaria de destacar a Sr^a Neuraci que, como já mencionei, leu grande parte dos primitivos originais; a Igreja Presbiteriana de Vila Guarani – a qual tive a honra de pastorear (1985-1994; 1997-1998) –, que através do seu interesse, sempre me incentivou a continuar escrevendo. Sou grato também, à minha esposa, Eliana, que apesar de seus muitos afazeres domésticos, sempre encontrou tempo para ler meus manuscritos e fazer correções importantes que amenizaram em muito, o meu estilo pedregoso... A todos meus sinceros agradecimentos.

Rev. Hermisten Maia Pereira da Costa

São Paulo, 19 de abril de 2001.

“A Bíblia é a Palavra de Deus ao homem; o Credo é a resposta do homem a Deus. A Bíblia revela a verdade em forma popular de vida e fato; o Credo declara a verdade em forma lógica de doutrina. A Bíblia é para ser crida e obedecida; o Credo é para ser professado e ensinado” – P. Schaff.¹

“O que temos de fazer é reconhecer que somos, muito mais do que reconhecemos, frágeis filhos da tradição, boa ou má, e precisamos aprender a questionar, à luz das Escrituras, aquilo que até aqui aceitamos sem perguntas” – J.I. Packer.²

“Deus permitiu aos heréticos fustigarem sua Igreja exatamente para despertar a mente pelo conflito e para levá-la a buscar a Palavra de Deus” – Abraham Kuyper.³

1 P. Schaff, *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. revised and enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1977, Vol. II, p. 3.

2 J.I. Packer, O Conforto do Conservadorismo: In: Michael Horton, ed. *Religião de Poder*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 236.

3 Abraham Kuyper, *A Obra do Espírito Santo*, São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 57.

O MINISTÉRIO TERRENO DE JESUS CRISTO

INTRODUÇÃO:

 uando pensamos no Ministério terreno de Jesus Cristo, somos muitas vezes levados a polarizar (concentrar) os seus feitos; na sua encarnação e, na sua “paixão” e morte. Esquecemo-nos com certa frequência das demonstrações evidentes que os Evangelhos registram, a amplitude do seu ministério que culminou aqui na Terra com a sua morte em favor de seu povo. Estudemos agora, apenas algumas das muitas facetas do ministério terreno de Cristo.

1. MINISTÉRIO DOCENTE:

Jesus Cristo é o mestre perfeito. Em todos os seus feitos e pronunciamentos, encontramos um modelo a ser imitado, um exemplo a ser seguido. Não era sem razão que os seus discípulos e mesmo aqueles que não se enfileiravam entre

os seus, assim se dirigiam a ele, reconhecendo-o como Mestre (Ver: Mt 19.16; Jo 3.2, etc.).

Quando Jesus terminou de proferir o “Sermão do Monte”, registra Mateus: “Estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7.28-29).

Vejamos alguns aspectos da *docência de Cristo*:

1) *Autoridade*: Jesus ensinava com a autoridade própria de quem conhecia, vivia e, mais ainda, era a própria encarnação da verdade. A autoridade de Jesus Cristo era derivada da sua própria Pessoa: ele é o Deus encarnado. Entretanto, essa autoridade ôntica (própria do ser) se harmonizava perfeitamente com a sua vida e os seus ensinamentos. (Vd. Mt 7.28,29; 22.16; Mc 1.22; Jo 14.6; Jo 8.46).

2) *Sabedoria e Poder*: O povo se admirava da sua sabedoria e poder (Mt 13.54).

3) *Incansável*: Jesus era incansável em seu labor, no ensino da verdade. Esta é uma característica daquele que crê naquilo que ensina e, também, acredita nos efeitos do ensino (Mt 4.23; 9.35; 11.1; 26.55; Mc 1.21; 2.13; 4.1,2; Lc 19.47).

4) *Coragem e determinação*: Apesar da incredulidade de muitos, inclusive por parte de seus irmãos e, as autoridades judaicas quererem matá-lo, Jesus continuava a ensinar, dando testemunho da verdade (Mc 6.6; Lc 19.47,48; Jo 7.1-9).

5) *Discernimento*: Ao lado da sua coragem, estava também o seu discernimento para saber a hora certa de agir (Mt 10.16; Jo 7.1-9; 8.58-59; 10.39-42; 12.23; 16.32; 17.1).

6) *Realista e sincera*: Jesus ensinava, não apenas mostrando as delícias do Reino; ele apresentava a verdade, mesmo que isto em algumas ocasiões decepcionasse os seus ouvintes. Jesus não queria e ainda não quer discípulos enganados, iludidos, que foram convencidos por falsas promessas... Ele deseja discípulos que mesmo conscientes das dificuldades o seguem. Por isso, com freqüência, Jesus falava do seu martírio e das perseguições vindouras. Ele não enganou ninguém e nós, também não temos o direito de fazê-lo; não podemos apresentar um Evan-

gelho esvaziado do seu sentido real e bíblico (Mt 5.11,12; 10.16-22; Mc 8.31,35; 9.31,32; Jo 16.32,33).

7) *Sensível às necessidades de seus ouvintes*: Jesus Cristo não estava simplesmente disposto a dar o que o povo queria; mas, sim, o que os seus ouvintes necessitavam. Ele era sensível não apenas às suas petições mas, às suas reais necessidades (Mc 6.30-44; Lc 11.1-4; Jo 6.22-40).

8) *Fiel à vontade do Pai*: Jesus ensinava a verdade que o Pai Lhe confiara a ensinar (Jo 7.14-18). O conteúdo da sua mensagem era o Evangelho do Reino (Lc 4.42-44; 8.1), o qual tinha como centro a figura do Rei eterno, que é o próprio Cristo (Mt 13.41; 16.28; 20.21; 25.31-40).

9) *Atenta à perpetuação de seus ensinamentos*: Jesus demonstrou claramente a sua atenção para com a transmissão fiel dos seus ensinamentos por parte dos discípulos. Para tanto, a sua Palavra e feitos foram registrados (Jo 20.30-31; Rm 15.4); ele mandou que os seus discípulos ensinassem todas as coisas que lhes havia ordenado (Mt 28.18-20; At 20.27) e, enviou juntamente com o Pai, o Espírito Santo, o qual anunciaria a sua Palavra, guiando os seus à toda verdade (Jo 14.26; 16.7-15).

2. MINISTÉRIO LITÚRGICO:

A nossa palavra “liturgia”, provém do grego, passando pelo latim. No grego, temos *λήϊτον*¹ (Lēiton) (“concernente ao povo ou à comunidade nacional”) & *ἔργον* (ergon) (“serviço”), tendo portanto, o sentido primário de “serviço público”. No grego antigo era empregado de várias formas, sendo porém o sentido cultural pouco freqüente.²

No Novo Testamento, *λειτουργία* (leitourgia) e seus cognatos que ali aparecem, *λειτουργός* (leitourgos) (“Ministro”, “Auxiliar”), *λειτουργέω* (lei-

¹ Esta palavra é oriunda de *λαός* e *λεώς* que significam “povo”.

² Cf. I.-H. Dalmais, et. al., *Liturgia*: In: Angel Di Berardino, dir. *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1992, Vol. II, p. 1279a.

tourgeō) (“Serviço Sagrado”) e λειτουργικός (leitourgikos) (“Ministrador”) ocorrem cerca de 15 vezes, tendo uma relação direta ou indireta com o serviço religioso.

Resumindo, podemos dizer que este conjunto de palavras têm três significados especiais no NT., a saber:

- a) *Serviço de um ser humano aos outros*: Rm 15.27; 2Co 9.12; Fp 2.17,30.
- b) *Serviço especificamente religioso*: Lc 1.23; At 13.2; Hb 8.2,6.
- c) *Aquele que está a serviço do seu Senhor*: Rm 13.6; 15.16.

O escritor de Hebreus, se referindo ao Ministério de Cristo, nos diz:

Ora, o essencial das cousas que temos dito, é que possuímos tal sumo sacerdote que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro (λειτουργός) do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem (Hb 8.1-2).
Agora, com efeito, obteve Jesus ministério (λειτουργία) tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas (Hb 8.6).

O escritor sagrado enfatiza a superioridade do Ministério de Cristo sobre o de Arão, porque “Ele é o Intérprete e Mediador de um superior pacto”.³

Jesus Cristo consciente da sua missão, agiu em todos os momentos de sua vida e Ministério, como o exegeta (intérprete) do Pai (Jo 1.18), revelando o Pai aos homens (Mt 11.27; Jo 17.6-8) e conduzindo o seu povo ao Pai (Jo 14.6; 1Tm 2.5).

O Ministério terreno de Jesus caracterizou-se por um ato de culto (liturgia) a Deus, no qual o homem pecador e indigno é introduzido à presença do Deus Santo e Justo, a fim de reconciliar-se com ele, através dos méritos de Cristo (2Co 5.18-21; 1Pe 3.18).

3 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 8.6), p. 209.

Através do ministério de Cristo, Deus foi glorificado (Jo 17.4). Uma das formas de cultuar a Deus é fazendo a sua vontade!. “Podemos até chegar a dizer que a verdadeira glorificação de Deus na terra – que constitui a perfeita adoração – foi cumprida por Jesus Cristo no seu ministério.”⁴

3. MINISTÉRIO DIACONAL:

O termo “*diácono*” e suas variantes, provém do grego *διάκονος* (diaconos), *διακονία* (diaconia) e *διακονέω* (diakoneō), palavras que significam respectivamente, “servo”, “serviço” e “servir”.

Essas palavra apresentam três sentidos especiais, com uma pesada conotação depreciativa: a) Servir à mesa; b) Cuidar da subsistência; c) Servir: No sentido de “servir ao amo”.

Para os gregos, servir era algo indigno. Os Sofistas chegavam a afirmar que o homem reto só deve servir aos seus próprios desejos, com coragem e prudência.

Platão (427-347 a.C.) e Demóstenes (384-322 a.C.), um pouco mais moderados, admitiam que o serviço (*διακονία*) só tinha algum valor quando prestado ao Estado. Portanto, “a idéia de que existimos para servir a outrem não cabe, em absoluto, na mente grega.”⁵

No Novo Testamento isto já não acontece pois, as palavras são empregadas para designar um serviço prestado de forma inteiramente pessoal, sendo usadas, inclusive, para os serviços dos profetas (1Pe 1.10-12). dos anjos (Mt 4.11; Mc 1.13; Hb 1.14), do Espírito Santo (2Co 3.8-9) e, também para o ministério de Jesus Cristo. Foi ele mesmo quem disse: “*Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido (διακονέω), mas para servir (διακονέω) e dar a sua vida em resgate por muitos....*” (Mc 10.45).

Jesus Cristo em seu ministério terreno estava consciente de que a sua missão consistia em servir diaconalmente em favor do seu povo, culminando com a sua voluntária entrega em sacrifício pela Igreja (At 20.28; 1Pe 1.18-19).

4 J.J. von Allmen, *O Culto Cristão: Teologia e Prática*, São Paulo: ASTE., 1968, p. 21.

5 Hermann W. Beyer, *Servir, Serviço*: In: G. Kittel, ed. *A Igreja do Novo Testamento*, São Paulo: ASTE, 1965, p. 275.

Jesus Cristo é o diácono por excelência. Ele deixou para nós o exemplo do seu ministério e a orientação do seu ensino: “... O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve (διακονέω). Pois qual é maior: quem está à mesa, ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve (διακονέω)” (Lc 22.26-27).

4. MINISTÉRIO PASTORAL:

Mateus cita a profecia registrada por Miquéias (Mq 5.2) unindo-a, ao que parece, com 2Sm 5.2, dizendo: “E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel” (Mt 2.6). O próprio Jesus se identifica como o bom pastor do seu povo (Jo 10.11). Mais adiante, prevenindo aos seus discípulos a respeito da sua morte e ressurreição, diz: “Esta noite todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas” (Mt 26.31).

Deixemos, agora, que o próprio Pastor nos ensine algumas características do seu pastorado.

1) *Pastor que conhece as suas ovelhas:* (Jo 10.2,3,14,27). Jesus Cristo conhece pessoal e afetivamente as suas ovelhas. O conhecimento de Deus em relação ao seu povo sempre denota uma relação íntima e amorosa, pela qual ele distingue os Seus.⁶ Ele conhece os que lhe pertencem (2Tm 2.19). Ele sabe que há ovelhas que ainda não fazem parte deste aprisco mas, que, no momento certo, serão reunidas por ele mesmo, o bom pastor (Jo 10.16).

2) *Pastor que é reconhecido pelas suas ovelhas:* A voz de Cristo é plenamente identificada pelo seu rebanho e, somente por ele (Jo 10.3-5,8,14,16,27). Jesus Cristo fala sempre de forma clara e objetiva; não existe ambigüidade nos seus ensinamentos; entretanto, aqueles que não fazem parte do seus escolhidos, nada entendem (Jo 10.24-26; 1Co 1.18-25).

6 Vd. A.W. Pink, *Os Atributos de Deus*, São Paulo: PES., 1985, p. 23ss.; João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 8.29), p. 295.

3) *Pastor que guia com segurança*: As suas ovelhas não apenas reconhecem a sua voz mas, também, O seguem tranqüilamente, porque sabem que o seu pastor as conduz em segurança (Jo 10.4; Sl 23).

4) *Pastor vivificador*: Ele concede vida às suas ovelhas; vida abundante e eterna. Somos alimentados pela sua Palavra (Jo 10.10,28; Jo 6.68; Jo 14.6; Cl 3.4).

5) *Pastor que se sacrifica pelas suas ovelhas*: Ele se dá pelas suas ovelhas; e apenas por elas, mesmo por aquelas que circunstancialmente O traem, como foi o caso de Pedro e, por certo, também o nosso, infelizmente, em muitas circunstâncias (Jo 10.11,15).

6) *Pastor preservador*: Se somos o seu povo, não temos o que temer; ninguém pode nos arrebatara de sua mão (Jo 10.27-29).

7) *Pastor que compartilha com os seus servos o privilégio responsabilizador do pastorado*: (Jo 21.16). Jesus Cristo confia aos homens que ele mesmo vocacionou, o alimento (Jo 21.15,17)⁷ e pastoreio de suas ovelhas (Jo 21.16),⁸ sendo os próprios ministros ovelhas do mesmo rebanho, tendo-o como Pastor (Vd. At 20.28; Ef 4.11; 1Pe 5.4).

8) *Pastor Eterno*: Jesus Cristo conduzirá o seu povo em segurança à eternidade, sendo desde agora e para sempre o seu pastor (Ap 7.17).

5. MINISTÉRIOTERAPÊUTICO:

Como já dissemos em outro lugar, Jesus se preocupava com o homem por inteiro; a sua salvação é integral; por isso, em diversas circunstâncias Ele além de proclamar a mensagem redentora, curava os enfermos, evidenciando assim, que Deus salva o homem em sua integridade: corpo e alma. (Ver: Mt 4.23,24; 8.16; 9.35; 14.14).

Por outro lado, não podemos nos esquecer que as curas e milagres serviam como sinais evidentes da chegada do Reino de Deus e do seu Rei (Mt

7 O verbo usado para “apascentar” (βόσκειν) (boskō), tem o sentido de “alimentar como pastor”, “cuidar de”. (* Mt 8.30,33; Mc 5.11,14; Lc 8.32,34; 15.15; Jo 21.15,17).

8 O verbo que é aqui traduzido por “pastoreia” (ποιμαίνω)(poimaino), significa também: “levar ao pasto”, “liderar”, “guiar”, “cuidar de”, “vigiar” (* Mt 2.6; Lc 17.7; Jo 21.16; At 20.28; 1Co 9.7; 1Pe 5.2; Jd 12; Ap 2.27; 7.17; 12.5; 19.15).

10.7,8,12.28; Lc 9.1-2); confirmar a sua mensagem (Jo 14.11) e; evidenciar ser ele o Messias prometido (Is 35.5; 53.4-5; 61.1; Mt 11.2-6).⁹

6. MINISTÉRIO INTERCESSÓRIO:

É algo emocionante observar a atitude de Jesus Cristo para com os seus discípulos, mesmo para com aqueles que ainda viriam a crer, quer num futuro próximo, quer num futuro distante, como é o nosso caso. A Palavra registra que Jesus, provavelmente na noite de quinta-feira anterior ao seu martírio,¹⁰ intercede por seus primeiros discípulos e, também, por todos aqueles que viriam a crer no momento em que ele os chamasse, cumprindo o eterno decreto da eleição (Jo 17.9-21; Lc 22.31-32; Jo 11.41-42). Isto demonstra de forma sensível, o cuidado de Jesus Cristo para com toda a sua Igreja. Em meio aos seus próprios sofrimentos, ele tem em mente a sua Igreja e, na sua intercessão, estão envolvidas pessoas como Paulo, Agostinho, Lutero, Calvino, Simonton, Blackford, Conceição, e todos os redimidos. O Senhor cuida de nós! (Mt 6.25,34; 10.28-31).

IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS E PRÁTICAS:

1) Todo o Ministério terreno de Cristo estava comprometido com a glória de Deus e a salvação do seu povo.

2) Devemos pregar com a certeza de que a Bíblia é a Palavra de Deus, o poder de Deus para a transformação dos pecadores (Rm 1.16).

3) Não devemos desanimar mesmo que não consigamos ver de imediato os frutos do nosso trabalho; basta-nos a certeza de que no Senhor o nosso trabalho nunca será em vão (1Co 15.58).

4) Uma das formas de cultuar a Deus é obedecendo os seus preceitos. Isto

⁹ Vd. G. Hendriksen, *El Evangelio Segun San Mateo*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1986, p. 263.

¹⁰ Cf. S.L. Watson; W.E. Allen, *Harmonia dos Evangelhos*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1964, p. 186-187.

implica no fato de que em todas as áreas de nossa vida podemos e devemos cultuar a Deus, agindo conforme a sua vontade.

5) A nossa preocupação na igreja, não deve ser quanto ao cargo que ocupamos mas, sim, em como podemos servir melhor ao nosso Deus.

6) O pastorado de Cristo enche-nos de conforto porque ele é o nosso Pastor e, também, o Pastor do nosso pastor (Hb 13.20; 1Pe 5.4).

OS SOFRIMENTOS DE CRISTO

INTRODUÇÃO:



Credo Apostólico referindo-se aos sofrimentos de Jesus Cristo, diz: “Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado...”. Esta confissão feita historicamente pela Igreja até os nossos dias, é ampla e fortemente embasada nas Escrituras Sagradas. A sua fundamentação bíblica, no entanto, não impediu que homens e sistemas teológicos a negassem de forma direta ou indireta, ora afirmando a impossibilidade de Deus sofrer; logo, Jesus Cristo não é Deus, ora afirmando que os fatos narrados nos Evangelhos não são de fato como ocorreram; as descrições, dizem, estariam mais próximas da fé dos evangelistas do que da realidade...

Para nós, entretanto, conforme já estudamos, a Bíblia é o registro fiel, inerrante e infalível da Palavra de Deus, sendo a nossa fé gerada e amparada pelo Espírito através da Palavra (Rm 10.17; Ef 2.8).

Estudemos agora, o que a Bíblia nos ensina a respeito dos sofrimentos de Cristo, nosso Senhor.

1. AS CAUSAS DO SOFRIMENTO DE CRISTO:

1.1. O PECADO HUMANO:

O pecado de nossos primeiros pais bem como o de toda a humanidade, visto que todos pecaram (Rm 3.23; 5.12), trouxe sobre toda a natureza um estado de maldição e juízo (Gn 3.17-19; Rm 8.20-23); tendo agora, o homem que arcar com as conseqüências de sua escolha, estando irremediavelmente perdido, já que nele estava o símbolo da total impossibilidade de agradar a Deus, reconciliando-se com ele. Agora ele tornou-se escravo do pecado, tendo a sua vontade governada por este tirano (Jo 8.34).

A impossibilidade do homem realça a possibilidade de Deus; o possível para o homem o é por Deus; contudo, é na impossibilidade do homem que muitas vezes ele se lembra do Deus Todo-Poderoso. O pecado do homem, permitido por Deus, pôs em andamento a execução histórica do Plano eterno e sábio de Deus, para salvar o seu povo escolhido desde à eternidade. Sem o pecado não seria necessário o sacrifício de Cristo e, por outro lado, o pecado não obriga Deus a enviar o seu Filho para morrer pelo seu povo; Deus não é obrigado a nos salvar; ele o faz por sua graça. Com isso, não chegamos ao ponto de afirma que “Deus seja a vítima do mal”,¹ mas que as conseqüências do pecado foram levadas voluntariamente por Cristo na cruz, a fim de conduzir o seu povo de forma definitiva a vencer o mal.

1.2. A JUSTIÇA E O AMOR RECONCILIADOR DE DEUS:

Deus não é obrigado a salvar pessoa alguma; todavia ele o faz! Somos todos igualmente devedores à graça de Deus.

1 Cf. Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 190-191.

Deus sempre age em harmonia com o seu ser. O homem é pecador e, por isso, precisa ser punido pelo seu ato de rebelião contra Deus; a disciplina faz parte da execução da justiça eterna de Deus. Por outro lado, Deus em seu amor eterno, infinito e causado em si mesmo – visto que não há nada em nós que mereça ou mesmo desperte o amor de Deus –, deseja salvá-lo (Jr 31.3; Ef 1.3-14). A justiça de Deus é santa e o seu amor é real; a graça de Deus não é barata; ela tem sempre um alto preço para Deus. A graça é a própria fonte do Evangelho; sem a graça de Deus não haveria boas novas de salvação; todos nós herdariamos as conseqüências eternas dos nossos pecados. Todavia, a graça reina e Jesus Cristo é a personificação da graça; ele encarna a graça e a verdade (Jo 1.17; 14.6). Ele é a causa, o conteúdo e a manifestação da graça de Deus; falar de Cristo é falar da graça. Deste modo, Deus tornou-se um de nós (Jo 1.14; Gl 4.4,5), a fim de resgatar-nos do poder e maldição do pecado. “Deus, que é justo, pode perdoar pecado porque ele já puniu o pecado na Pessoa de seu unigênito Filho. (...) Deus proclama sua eterna justiça e ainda pode perdoar os pecados daqueles que crêem em Jesus – eis uma terribilíssima, uma profundíssima declaração.”²

Os sacrifícios do Antigo Testamento denotam a iniciativa do Deus Justo e Amoroso que providencia a reconciliação de seu povo pecador³ – porém igualmente amado e eleito –, consigo mesmo, encontrando este processo, a sua plenitude e ápice em Jesus Cristo: O Verbo encarnado. “Em resumo ‘tudo é de Deus’: o desejo de perdoar e reconciliar, os meios indicados, a provisão da vítima vindo do seu próprio seio, mediante preço infinito. Tudo acontece dentro da própria vida de Deus: pois se tomamos a Cristologia do Novo Testamento, temos de afirmar que ‘Deus estava em Cristo’ neste grande sacrifício expiatório, e que o Sacerdote e a Vítima eram o mesmo Deus”.⁴

Devemos, portanto, enfatizar que mesmo no Antigo Testamento, os patriarcas, os profetas e o povo em geral foram perdoados, não porque ofe-

2 D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, p. 420.

3 “O objetivo dos sacrifícios era que Deus olhasse para o povo pecador de uma maneira benigna, de uma maneira que revelasse prontidão em recebê-lo.” [D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, p. 406].

4 Donald M. Baillie, *Deus Estava em Cristo*, São Paulo: ASTE., 1964, p. 215.

receram sacrifícios, mas sim, pela fé no Cristo que viria. A obra de Cristo envolve todos os crentes: todos os fiéis do passado, presente e futuro.⁵ “A única maneira de alguém ser perdoado, antes de Cristo, depois de Cristo e em qualquer ocasião, é através de Cristo, e este crucificado”.⁶ A obra de Cristo envolve todo o seu povo, ninguém ficará de fora nem jamais houve ou haverá redenção fora do sacrifício único e vicário de Cristo: a obra de Cristo é completa e suficiente “.... Em cada época, desde o princípio, houve pecados que necessitavam de expiação. Portanto, a menos que o sacrifício de Cristo fosse eficaz, nenhum dos [antigos] pais haveria obtido a salvação. Visto que se achavam sujeitos à ira divina, qualquer remédio para livrá-los teria resultado em nada, se Cristo, ao sofrer uma vez por todas, não sofresse o suficiente para reconciliar os homens com a graça de Deus, desde o princípio do mundo e até ao fim. A não ser que desejemos muitas mortes, contentemo-nos com um só sacrifício. (...) Não está no poder do homem inventar sacrifícios como lhe apraz. Eis aqui uma verdade expressa pelo Espírito Santo, a saber: que os pecados não são expiados por um sacrifício, a menos que haja derramamento de sangue. Por conseguinte, a idéia de que Cristo é sacrificado muitas vezes não passa de uma invenção diabólica”.⁷

Paulo nos diz que o triunfo de Cristo em nos perdoar, concedendo-nos vida, foi manifesto na cruz do Calvário: “E a vós outros, que estáveis mortos

5 “Quando o Filho de Deus sofreu e morreu, Ele assim expiou os pecados de *todos* os que o aceitaram ou iriam aceitá-lo por meio de uma fé viva, ou seja, por *todos* os crentes de *ambas* as dispensações. Os méritos da cruz estendem-se tanto para trás como para adiante” [W. Hendriksen, *Romanos*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001, (Rm 3.25-26), p. 178].

6 D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo: FIEL, 1984, p. 359. “Ninguém pode dizer, nem por um momento, que pessoas como Davi, Abraão, Isaque e Jacó não foram perdoadas. Mas não o foram por causa daqueles sacrifícios que ofereceram. Eles foram perdoados porque olhavam para Cristo. Não percebiam isso claramente, mas criam no ensinamento e faziam essas ofertas pela fé. Criam na Palavra de Deus, que Ele um dia no porvir, proveria um sacrifício, e pela fé se mantiveram firmes nisso. Foi a fé em Cristo que os salvou, exatamente como é a fé em Cristo que salva agora” (D.M. Lloyd-Jones, *A Cruz: A Justificação de Deus*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, (s.d.), p. 9-10).

7 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 9.26), p. 245-246. “A razão pela qual Deus ordenara que se oferecessem vítimas como expressão de ações de graça foi, como é bem notório, para ensinar ao povo que seus louvores eram contaminados pelo pecado, e que necessitavam de ser santificados exteriormente. Por mais que proponhamos a nós mesmos louvar o nome de Deus, outra coisa não fazemos senão profaná-lo com nossos lábios impuros, não houvera Cristo se oferecido em sacrifício com o propósito de santificar a nós e às nossas atividades sagradas [Hb 10.7]. É através dele, como aprendemos do apóstolo, que nossos louvores são aceitos” [João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Edições Parakletos, 1999, Vol. 2, (Sl 66.15), p. 631].

pelas vossas transgressões, e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.13-15).

É importante observar que a Bíblia não faz distinção entre o amor de Deus Pai, do Deus Filho e do Deus Espírito Santo; o sacrifício do Filho revela o amor do Trino Deus: o Pai não passou a nos amar porque o seu Filho morreu por nós; antes, o Filho morreu por nós porque o Trino Deus eternamente nos amou e confiou-nos ao Filho (Jo 3.16; 10.22-30; 15.16; 17.6-26; Rm 5.8; 1Jo 4.9). O Filho reconciliou-nos com o Pai e com o nosso próximo através da cruz (Ef 2.11-22; Cl 1.19-20). “Nenhum estudo da expiação pode ser devidamente desenvolvido sem reconhecer em primeiro lugar o livre e soberano amor de Deus (...) Este amor é a causa ou a fonte da expiação.”⁸

1.3. A VOLUNTARIEDADE DO FILHO:

A vinda de Jesus Cristo e todos os seus atos foram norteados pela sua obediência ao Pai e pela consciência de que era necessário assim fazê-lo, tendo sempre como meta, glorificar a Deus e salvar o seu povo (Jo 4.34; 5.30; 6.38,39; 10.10-18; 17.1-8).

Desta forma, a obra de Cristo foi feita com espírito voluntário; ele assumiu o nosso lugar morrendo sob o estigma da maldição, resgatando-nos da decorrente condenação, por sua livre graça (Gl 3.13,14). Assim, o que era impossível ao homem – ter acesso a Deus e expiar o seu próprio pecado –, Jesus realizou perfeita e vicariamente! (1Pe 3.18; Hb 7.26-28; 9.23-28; 10.10-18). “Na cruz, a vontade do Pai e a vontade do Filho estavam em perfeita harmonia. Jamais devemos supor

8 John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: Cultura Cristã, 1993, p. 11, 13.

que o Filho se ofereceu para fazer alguma coisa contra a vontade do Pai, ou que o Pai exigiu do Filho alguma coisa contra a própria vontade deste”.⁹ “A morte de Jesus pelo pecado foi um ato de autosacrifício e segundo a vontade de Deus Pai”.¹⁰ Voltaremos a este assunto em outro tópico.

2. A CONSCIÊNCIA DE JESUS CRISTO:

Jesus Cristo não veio enganado; ele tinha perfeita consciência do que teria de passar (Is 53). Jesus sabia que a sua vida de obediência espontânea ao Pai tinha como rota obrigatória a cruz. Ele sempre soube que não havia desvios nem atalhos; a cruz era a sua missão; não que houvesse com isso, um prazer na própria morte mas, sim, a certeza de ser esta a única alternativa para a salvação de seu povo. As profecias do Antigo Testamento na esteira de Gn 3.15, já indicavam as dores do Messias e ele as conhecia bem, já que estas profecias foram reveladas pelo Espírito de Cristo (Vd. Lc 24.26,46; Is 53.1-12; At 3.18; Jo 17.1-3; 1Pe 1.10,11). Por isso, após a identificação por parte de Pedro de ser ele o Cristo (= Messias, Ungido) (Cf. Mt 16.13-17), registra Mateus: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas cousas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto, e ressuscitado no terceiro dia” (Mt 16.21; Mt 17.12; Lc 17.25). Jesus Cristo não tinha ilusões quanto a isto; por isso, ele administrava o tempo do qual era Senhor, levando adiante a sua obra, tendo ciência perfeita da sua hora; do momento de Se revelar, ser preso, torturado, morrer e ressuscitar (Cf. Lc 22.14-16; Jo 7.1-9; 12.23-33; 16.32; 17.1). Stott, enfatiza: “Desde a infância de Jesus, deveras desde o seu nascimento, a cruz lança sua sombra no seu futuro. Sua morte se encontrava no centro de sua missão. E a igreja sempre reconheceu essa realidade”.¹¹

9 John R.W. Stott, *A Mensagem de Gálatas*, São Paulo: ABU, 1989, p. 20.

10 John R.W. Stott, *A Mensagem de Gálatas*, São Paulo: p. 21.

11 John R.W. Stott, *A Cruz de Cristo*, Miami: Editora Vida, 1991, p. 11.

3. A OBEDIÊNCIA PERFEITA DE CRISTO:

É possível que alguém assuma uma missão sem saber o alcance, os perigos e as implicações da mesma; todavia, caso estes dados tenham sido ocultados propositalmente, ao tomarmos ciência disto, a tendência do ser humano é de se revoltar contra aquele que o enganou, colocando-o numa situação difícil. Como já vimos, este não foi o caso de Jesus Cristo; ele sabia perfeitamente o que teria de realizar e os sofrimentos pelos quais passaria; contudo, ele veio assim mesmo para cumprir a sua missão cabalmente, conforme o Pacto selado na eternidade entre ele mesmo, como representante dos eleitos e o Pai, como representante da Trindade Excelsa.

A grandeza da obediência de Cristo assume um papel ainda mais preponderante se atentarmos para o fato de que ele é igual ao Pai: “Pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (σταυρός)” (Fp 2.6-8).

Somente assim ele pôde ser “*crucificado em fraqueza*” (2Co 13.4). “.... Cristo sofreu por sua *determinação* e não por *necessidade*, porque subsistindo ‘na forma de Deus’, ele poderia escapar a esta necessidade; não obstante, ele sofreu ‘através da fraqueza’ porque ‘a si mesmo se esvaziou’.”¹²

O escritor da Carta aos Hebreus nos diz: “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas cousas que sofreu” (Hb 5.8). A obediência de Cristo foi em favor do seu povo; ele viveu em constante harmonia com a vontade do Pai; o preço da obediência era o sofrimento; assim nosso Senhor foi batizado, submeteu-se às leis do povo, foi ultrajado, torturado, contado entre os transgressores, morto e sepultado. O próprio Senhor Jesus diz: “*A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra*” (Jo 4.34). O seu alimento e alegria consistiam em realizar a obra do Pai. (Vd. Is 50.4-7; 53.4-7).

¹² João Calvino, *Exposição de 2 Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1995, (2Co 13.4), p. 263.

Como comentaremos à frente, a obediência de Cristo não significa que ele foi apenas uma vítima que deixou passivamente que os fatos conduzidos pelos homens, sob o olhar irado de Deus, o conduzissem ao martírio, não: ele, antes, ativamente se dispôs a salvar os seus eleitos através do seu sacrifício redidor. Por isso, Ele afirma em diferentes ocasiões: “Por isso o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la (Jo 10.17,18). “Ninguém tem maior amor do que este; de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15.13). (Vd. também: Is 53.10-12; At 2.22,23; 4.27,28).¹³

A obediência de Cristo foi voluntária e ativa; se Ele não se dispusesse a cumprir as demandas da Lei em nosso lugar apresentando um sacrifício perfeito, expiando os nossos pecados, a graça de Deus não seria diminuída; entretanto, não haveria salvação para ninguém. A Confissão de Westminster (1647), declara:

“Este ofício o Senhor Jesus empreendeu mui voluntariamente. Para que pudesse exercê-lo, Ele se fez sujeito à lei, a qual cumpriu perfeitamente, padeceu imediatamente em sua alma os mais cruéis tormentos, e em seu corpo os mais penosos sofrimentos....” (VIII.4).

Jesus Cristo foi o único homem que não precisava padecer, todavia, Ele voluntariamente o fez por nós (Jo 10.17,18; Hb 2.9), deixando-nos exemplo (1Pe 2.21), a fim de nos conduzir a Deus em santidade (Hb 13.12; 1Pe 3.18).

4. A INTENSÃO E EXTENSÃO DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO:

Somos muitas vezes levados a pensar que os sofrimentos de Cristo se deram apenas no Calvário; quando assim imaginamos, nos esquecemos da extensividade terrena dos seus sofrimentos, como bem disse Calvino (1509-1564): “Com toda verdade se pode dizer que não somente passou toda sua vida em perpétua

13 Vd. Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit*, Chattanooga, AMG. Publishers, 1995, p. 113s.

cruz e aflição, senão que toda ela não foi senão uma espécie de cruz contínua.”¹⁴ (Hb 5.8) “Toda a sua vida foi uma cruz perpétua”.¹⁵

O que já foi estudado neste capítulo serve para realçar ainda mais a extensão e intensidade dos seus sofrimentos; basta que recordemos o fato de que o Logos eterno sempre soube dos seus futuros sofrimentos na carne (1Pe 4.1). Durante todo o seu ministério terreno, Jesus convivia numa atmosfera pecaminosa e hostil; satanás O tentou por mais de uma vez, inclusive usando o próprio Pedro (Lc 4.1-13; Mt 16.21-23; Hb 2.18); a incredulidade do povo e até mesmo de seus familiares (Mt 17.17; Jo 7.5); as armadilhas das autoridades judaicas (Jo 11.47-52); a traição de Judas, a omissão de Pedro e o abandono de todos os seus discípulos (Mt 26.14-16, 20-25, 35, 56; Jo 18.1-11; 15-18; 25-27); o tipo de morte que teria, fazendo-se maldição em nosso lugar (Gl 3.13,14), etc. Todos estes elementos contribuíram para intensificar a sua dor e sofrimento.

Jesus Cristo morreu como um maldito condenado, sendo santo (2Co 5.21); morreu em sacrifício por aqueles que nem ainda criam nele (Jo 1.29; Jo 17.20,21; 1Co 5.7; Ef 5.2; Hb 7.14,27; 9.23,26; 10.12). Jesus Cristo tornou-se responsável por nós, levando sobre si os nossos pecados que lhe foram imputados; a justiça condenatória de Deus caiu sobre Ele.

Os sofrimentos de Cristo foram físicos e espirituais (Mt 26.36-42; 1Pe 4.1); no Getsêmani, horas antes do seu martírio, ele sente o peso ainda mais forte da aproximação da experiência mais temida: a separação de Deus, que é a morte; a ira de Deus sendo derramada sobre ele, o Justo (Is 53.3),¹⁶ como representante do seu povo; todavia, Jesus se abandonou na vontade do Pai a qual é a vontade determinante para ele e para o seu ministério; e nesta auto-entrega, está a vitória de Deus sobre o pecado e sobre satanás, redimindo para si um povo comprado com o “sangue de Deus” (At 20.28; 1Co 6.20; 1Pe 1.18,19).

14 J. Calvino, *Institución*, III.8.1.

15 João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 45. “Ele não somente padeceu constante aflição, mas também que toda a sua vida foi uma espécie de cruz perpétua” [João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.17].

16 Lloyd-Jones interpretando Mt 26.39, diz: “Essa foi a única vez, durante sua vida terrena, que nosso Senhor fez a seu Pai uma petição desse gênero; e é óbvio, pois, que era algo extremamente excepcional. E isso aponta para o fato de que houve algo em sua morte que era absolutamente necessário. (...) É absolutamente inadequado pressupor que um mero sofrimento físico produziria tal clamor...” [D.M. Lloyd-Jones, *Deus o Pai, Deus o Filho*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997 (Grandes Doutrinas Bíblicas, Vol. 1), p. 418].

“O amor de Cristo é para a fé o amor do próprio Deus. Onde Cristo está, lá está Deus. Onde Cristo age, lá age o próprio Deus. O amor de Cristo, que se sacrifica e entrega, é o amor do próprio Deus. Sua luta contra o mal é a luta do próprio Deus. Sua vitória é a vitória do próprio Deus. No evento de Cristo, Deus efetiva sua vontade amorosa.”¹⁷

Meus irmãos é impossível descrever de forma perfeita os sofrimentos de Cristo; ninguém jamais poderá aquilatar de forma completa as dores do Messias; elas foram únicas e suficientes!¹⁸ Entretanto, todos os eleitos, desde os mais humildes até os mais sábios, desfrutaram dos benefícios salvadores da obra sacrificial de Cristo. A Igreja é o resultado efetivo e histórico do Ministério Sacrificial; o sacrifício de Cristo não foi em vão.

O Catecismo de Heidelberg (1563), à pergunta de nº 37, “Que entendes pela palavra ‘sofreu?’”, responde:

“Que durante toda a sua vida na terra, e especialmente no fim dela, ele suportou no corpo e na alma a ira de Deus contra os pecados de todo o gênero humano, de modo que, pelo seu sofrimento, como o único sacrifício expiatório, ele redimisse o nosso corpo e a nossa alma da maldição eterna, e para nós conseguisse de Deus a graça, a justiça e a vida eterna”.

IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS E PRÁTICAS

1) Por meio de Cristo aprendemos que a vitória sobre o sofrimento está em uma plena submissão à vontade de Deus.

2) A Igreja é conclamada a participar dos sofrimentos e das vitórias de Cristo (1Pe 4.12-19).

¹⁷ Gustaf Aulén, *A Fé Cristã*, São Paulo: ASTE., 1965, p. 186.

¹⁸ Matthew Henry comenta: “A queixa mais dolorosa de Cristo em seus sofrimentos foi a aflição de sua alma e a falta do sorriso de seu Pai” (Matthew Henry, *Comentário Bíblico de Matthew Henry*, 5ª ed., Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006, (Sl 6), p. 401).

3) O estudo a respeito dos sofrimentos e morte do Messias não deve ser apenas para motivar a nossa compaixão; antes, pelo contrário deve conduzir-nos a ver de forma mais real e concreta o amor de Deus, o qual carece de uma resposta do seu povo em obediência, fé e amor.

4) Jesus se identificou existencialmente conosco, com as nossas fraquezas e tentações. Esta identificação foi possível porque ele se tornou “semelhante aos irmãos” (Hb 2.17; Hb 4.15). Cristo se identificou completamente com o homem. O socorro amparador de Deus deve ser um estímulo à nossa resistência na fé, a permanecermos firmes diante das variadas tentações que visam nos afastar de Deus e da sua Palavra.

5) “Na cruz, a misericórdia e a justiça divina foram igualmente expressas e eternamente reconciliadas. O santo amor de Deus foi ‘satisfeito’.”¹⁹

6) “Visto que nos reconciliamos com Deus, em Cristo, através de seu verdadeiro sacrifício, somos, todos nós, por sua graça, feitos sacerdotes com o fim de podermos consagrar-nos a ele como sacrifício vivo e tributar-lhe toda a glória por tudo o que temos e somos. Não resta mais nenhum sacrifício expiatório para se oferecer, e não se pode fazer tal coisa sem trazer grande desonra para a cruz de Cristo.”²⁰

7) Jesus Cristo sofreu e morreu para nos trazer benefícios espirituais (2Co 1.5), santificando o seu povo (Hb 13.12). A sua vida tem sido digna do sacrifício de Cristo e do seu propósito?

8) De forma direta ou indireta todos nós somos responsáveis pelos sofrimentos de Cristo. De forma direta Jesus Cristo é responsável por nossa salvação. Se isto é assim, qual deve ser a nossa atitude diante dele?

9) O estudo a respeito dos sofrimentos e morte do Messias não deve ser apenas para motivar a nossa compaixão; antes, pelo contrário deve conduzir-nos a ver de forma mais real e concreta o amor de Deus, o qual carece de uma resposta do seu povo em obediência, fé e amor.

19 John R.W. Stott, *A Cruz de Cristo*, Miami: Editora Vida, 1991, p. 79.

20 João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 12.1), p. 424.

JESUS, O SALVADOR

INTRODUÇÃO:

A salvação é pelas obras! Sem as obras da Trindade, jamais seríamos salvos pela graça. A graça de Deus, que é personificada em Cristo, é apenas um lado das obras redentoras do Deus Triúno. Toda a Trindade está comprometida na salvação do seu povo, tendo cada uma das pessoas da Santíssima Trindade, conforme o conselho trinitário, um papel fundamental.

De forma simplificada, podemos falar do Pai como Criador; do Filho como Redentor e do Espírito Santo como santificador. Ou, como escreveu A.W. Pink:

Cada uma das três pessoas da Santíssima Trindade desempenha um papel em nossa salvação: o Pai, quanto à predestinação; o Filho, quanto à propiciação; e o Espírito Santo, quanto à regeneração. O Pai nos escolheu; o Filho morreu por nós; o Espírito Santo

nos vivifica. O Pai se preocupou conosco; o Filho derramou seu sangue por nós; e o Espírito Santo realiza sua obra em nós.¹

A salvação dos eleitos foi planejada pelo Pai, pelo Filho e, pelo Espírito Santo desde a eternidade; por isso, quando falamos da nossa salvação, devemos ter sempre em mente que ela nos é propiciada pelo trabalho conjunto do Trino Deus (Leia: Jo 14.16-17, 26; 15.26; 16.13-15; 17.2-4, 9-26; At 9.31; 1Co 12.3; Gl 3.13; 4.1-7; Ef 1.3-14; Fp 2.6-8; 1Pe 1.18-20, etc.).

O Deus Triúno é o Autor e o executor da nossa salvação; do princípio ao fim, a salvação é obra de Deus (Fp 1.6).²

No que se refere ao Espírito Santo, podemos dizer que ele torna efetivo em nós aquilo que Cristo realizou definitivamente por nós. Portanto, sem as operações do Espírito, o ministério sacrificial de Cristo não teria valor objetivo para os homens, visto que os méritos redentores e salvadores de Cristo não seriam comunicados aos pecadores.³ Calvino afirmou corretamente, que é necessário que Cristo habite em nós para que compartilhe conosco o que recebeu do Pai. Ele conclui dizendo que: “O Espírito Santo é o elo pelo qual Cristo nos vincula efetivamente a si.”⁴ Em outro lugar declara: “Sabemos que nosso bem, nossa alegria e repouso é estar unido ao Filho de Deus.”⁵

1 A.W. Pink, *Deus é soberano*, São Paulo: Fiel, 1977, p. 75-76. (Vejam-se, também: Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit*, p. 18-22; R.B. Kuiper, *Evangelização Teocêntrica*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1976, p. 7-14; *Idem.*, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan: SLC., 1985, p. 169-175; A.W. Pink, *Deus é Soberano*, p. 49ss; J. Owen, *Por Quem Cristo Morreu?*, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1986, p. 19-22; J.I. Packer, *O “Antigo” Evangelho*, São Paulo: Fiel, 1986, p. 9; Loraine Boettner, *Studies in Theology*, 9ª ed. Philadelphia, The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1970, p. 117-118).

2 “... Em sua inteireza a nossa salvação procede do Senhor. É sua realização. Ele mesmo apresenta sua noiva a si mesmo por que ninguém mais pode fazê-lo, ninguém mais é competente para fazê-lo. Somente Ele pode fazê-lo. Ele fez tudo por nós, do princípio ao fim, e concluirá a obra apresentando-nos a si mesmo com toda esta glória aqui descrita.” [D.M. Lloyd-Jones, *Vida No Espírito: No Casamento, no Lar e no Trabalho*, São Paulo: PES., 1991, (Ef 5.27), p. 137]. Do mesmo modo acentua Murray: “A salvação é do Senhor, tanto em sua aplicação como em sua concepção e realização.” (John Murray, *Redenção: Consumada e Aplicada*, São Paulo: p. 98). Vejam-se, R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, p. 169ss; 177ss.; C.H. Spurgeon, *Sermões Sobre a Salvação*, São Paulo: PES., 1992, p. 12ss.

3 “A aplicação da redenção pelo Espírito Santo não pode, em nenhum sentido, ser transformada na aquisição da redenção, pois, embora o Espírito Santo receba todas as coisas de Cristo, a aplicação nesse campo de operação é tão necessária e tão importante quanto a aquisição. (...) E, a esse respeito, a aquisição e a aplicação estão tão fortemente ligadas que a primeira não pode ser concebida nem existir sem a segunda e vice-versa” (Herman Bavinck, *Dogmática Reformada*, São Paulo: Cultura Cristã, 2012, Vol. 4, p. 221).

4 João Calvino, *As Institutas*, III.1.1.

5 Juan Calvino, *Sermões Sobre La Obra Salvadora De Cristo*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, “Sermon nº 2”, p. 23.

Cristo cumpriu perfeitamente as demandas da Lei e adquiriu todas as bênçãos que envolvem a salvação. A obra do Espírito consiste em aplicar os merecimentos de Cristo aos pecadores, capacitando-os a receberem a graça da salvação. Somente através do Espírito “recebemos todos os bens e dons que nos são dados em Jesus Cristo”⁶ É ele quem derrama sobre nós as bênçãos da graça, obtidas pela obra eficaz de Cristo. Desta forma, podemos dizer que o ministério soteriológico do Espírito se baseia nos feitos de Cristo e, que o ministério sacrificial de Cristo reclama a ação do Espírito (Jo 7.39; Jo 14.26; 16.13-14). “A obra do Espírito na aplicação da redenção de Cristo é descrita como tão essencial como a própria redenção”.⁷ “A condição prévia indispensável para a outorga do Espírito é a obra de Cristo”.⁸

Todavia, a lição de hoje trata da obra do Filho como autor da nossa salvação; por isso, nos deteremos mais especificamente nos seus feitos salvadores, lembrando-nos sempre, de que o que foi graça para nós, custou um preço muitíssimo alto para Jesus Cristo (At 20.28; 1Co 6.20; 1Pe 1.18-21).

Abraham Booth (1734-1806) escrevendo sobre este assunto, assim se expressou:

A graça de Deus está fundamentada na obediência perfeita e meritória de Cristo.⁹

Ainda que este perdão seja gratuito para os pecadores, nunca devemos esquecer-nos de que Cristo pagou um alto preço por ele. Perdão para a menor das nossas ofensas só se tornou possível porque Cristo cumpriu as mais aflitivas condições – sua encarnação, sua perfeita obediência à lei divina e sua morte na cruz. O perdão que é absolutamente gratuito ao pecador teve um alto custo para o Salvador.¹⁰

De fato devemos tudo a Deus, à “Doçura de sua graça.”¹¹

6 J. Calvino, *Catecismo de Genebra*, (1541), Pergunta 91.

7 Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Editora Hagnos, 2001, p. 390.

8 Frederick D. Bruner, *Teologia do Espírito Santo*, São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 179.

9 A. Booth, *Somente pela Graça*, São Paulo: PES., 1986, p. 15.

10 A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 31. Vd. J.I. Packer, *O Conhecimento de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 1980, p. 121.

11 João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, (Sl 6.1), Vol 1, p. 125.

1. A NECESSIDADE DE SALVAÇÃO:

Todos os homens necessitam da salvação por causa de seus pecados. Vejamos o que a Bíblia nos diz:

1.1. O SIGNIFICADO DO PECADO:

O Catecismo Menor de Westminster define bem a questão: “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei”¹² (Vd. Tg 2.10; 4.17; 1Jo 3.4).

Pecar significa agir de maneira contrária aos princípios expressos por Deus em sua Palavra.¹³

1.2. O PECADO É UNIVERSAL:

Todos pecaram. O homem além de não querer, nada pode fazer para deixar de pecar. Após a queda, a natureza humana se corrompeu total e intensamente, se estendendo essa contaminação a todas as áreas da sua vida. O pecado trouxe um quadro de irreversibilidade pecaminosa que se perpetuou em todos os seres humanos devido o seu pecado. (Gn 6.5; 8.21; Is 64.6; Jo 8.34; Rm 3.9-12,23).

1.3. A COMUNHÃO COM DEUS FOI INTERROMPIDA:

O pecado gerou a separação entre o homem e o Deus Santo, Justo, Puro e Sublime (Is 59.2). O homem encontra-se num estado de rebelião contra Deus (Is 65.2).

¹² *Catecismo Menor*, Perg. 14.

¹³ “O pecado não é um lapso lamentável de padrões convencionais; a sua essência é a hostilidade para com Deus (Romanos 8.7), manifesta em rebeldia ativa contra Ele.” (John R.W. Stott, *A Cruz de Cristo*, Florida: Editora Vida, 1991, p. 80).

1.4. O HOMEM ESTÁ MORTO:

O pecado como algo universal, trouxe como justo pagamento, a morte de todos: o salário do pecado é a morte (Rm 5.12; 6.23). A Bíblia nos fala de três tipos de morte decorrentes do pecado:

1) *A Morte*: Separação da alma e corpo, pela qual todos os homens – com exceção dos que estiverem vivos quando Cristo retornar em glória – terão de passar (Ec 12.7; 1Co 15.51-52; Hb 9.27).

2) *A Morte espiritual*: Interrupção da comunhão com Deus. Como já vimos, o pecado gerou a quebra de nossa comunhão com Deus; isto significa a nossa morte espiritual, pois a vida está em Deus, e sem comunhão com Ele estamos mortos (Is 59.2; Ef 2.1,5; Cl 2.13).

3) *A Morte eterna*: A interrupção eterna e definitiva da comunhão com Deus. Os homens que morrem fisicamente, estando mortos espiritualmente, estão mortos eternamente para Deus, não tendo mais oportunidade de arrependimento (Hb 9.27).

Em síntese, o pecado lançou o homem num estado de miséria espiritual contra o qual ele nada pode fazer (Mt 19.25,26; Ef 2.9; Gl 2.16). Isto torna todos os homens dependentes única e exclusivamente da salvação de Deus manifestada em Cristo.

2. JESUS CRISTO O ÚNICO SALVADOR:

2.1. SALVADOR PROMETIDO PELO PRÓPRIO DEUS:

Após o pecado de nossos primeiros pais e, a sua decorrente punição, Deus faz uma promessa: “*Porei inimizade entre ti (serpente = satanás. cf. Ap 12.9; 20.2) e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gn 3.15; Gn 17.7). Como diz Law, “estas foram as primeiras

palavras da graça a um mundo perdido”.¹⁴ De fato, aqui temos o *protoevangelium*, o primeiro vislumbre histórico do Evangelho de Jesus Cristo (Mc 1.1), Aquele que viria em graça restaurar o seu povo à comunhão com Deus. Ele viria como de fato veio, da “semente” da mulher (Mt 1.18-25; Lc 1.35), se constituindo no segundo Adão. Caso Jesus Cristo não se constituísse em descendência do primeiro casal, a promessa de Deus teria falhado e também, Cristo não poderia ser o representante legítimo do seu povo. Por outro lado, se Jesus Cristo pecasse, o seu sacrifício não teria valor vicário pois Ele mesmo precisaria, nesta hipótese, ter seus pecados expiados. Entretanto, a Bíblia afirma que Jesus veio da semente da mulher, sendo verdadeiramente homem – não obstante ser verdadeiro Deus –, todavia sem pecado (Jo 8.46; 2Co 5.21; Hb 2.17-18; 7.22-28; 9.23-28).

Jesus Cristo cumpriu o propósito de Deus a despeito de todas as tentativas de Satanás para frustrá-lo e, apesar da gravidade do pecado humano e de suas conseqüências, Jesus venceu. A graça de Deus é mais forte do que a obra pecaminosa do homem: a vida é mais forte do que a morte (Rm 5.12-15; 1Co 15.20-28; 45-49; 67,58). Como, escreveu Calvino: “Cristo suplantou a Adão, o pecado deste é absorvido pela justiça de Cristo. A maldição de Adão é destruída pela graça de Cristo, e a vida que Cristo conquistou trouxe a morte que procedeu de Adão.”¹⁵

2.2. A SALVAÇÃO PROPORCIONADA POR CRISTO:

“Por que é o Filho de Deus chamado JESUS, isto é, SALVADOR?”

“Porque ele nos salva de nossos pecados e porque a salvação não pode ser buscada ou encontrada em nenhum outro”.¹⁶

A salvação é uma prerrogativa única e exclusiva de Deus: ele tem poder e total liberdade para salvar a quem ele quiser; a Palavra diz que a salvação pertence

14 Henry Law, *O Evangelho em Gênesis*, São Paulo: Editora Leitor Cristão, 1969, p. 33.

15 João Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (5.17), p. 194-195.

16 *Catecismo de Heidelberg*, perg. 29.

a Deus (Hb 2.10; 5.9; Tg 4.12; Ap 7.10; 19.1). Por isso, a nossa salvação repousa unicamente em Deus. A Bíblia nos diz que a Salvação:

1) *É oferecida por Deus unicamente através de Cristo, mediante a pregação da Palavra*: Jesus Cristo é o único salvador. A Igreja anuncia a Palavra porque é através da Palavra que Deus produz a fé salvadora em seus escolhidos. (At 2.47; 4.4,12; Rm 10.13-17; Hb 7.25; 1Jo 4.14; Jd 25; Tg 1.18; 1Pe 1.23).

2) *É resultado da nossa eleição*: Deus nos escolheu na eternidade para a salvação em Cristo Jesus. (Ef 1.4; 1Ts 5.8,9; 2Ts 2.13; 2Tm 2.10).

3) *É obra da graça de Deus*: A nossa salvação é decorrente do Pacto da Graça, através do qual Deus confiou o seu povo ao seu Filho para que este viesse entregar a sua vida pelos seus escolhidos. Cristo deu a sua vida em favor de todos aqueles que o Pai lhe confiara na eternidade. (Sl 89.2,3; Is 42.6; 2Tm 1.9; Jo 6.39; 17.1,6-26).¹⁷ Assim, todos os homens que creram, tanto no Antigo como no Novo Testamento, foram salvos pela graça (At 15.11).

Mérito e graça são conceitos que se excluem (Rm 11.6). “A graça divina e o mérito das obras [humanas] são tão opostos entre si que, se estabelecermos um, destruiremos o outro”, conclui Calvino (1509-1564).¹⁸ De fato, a graça tem sempre como pressuposto a indignidade daquele que a recebe.¹⁹ A graça brilha nas trevas do pecado; desta forma, a idéia de merecimento está totalmente excluída da salvação por graça (Ef. 2,8,9; 2Tm 1.9). A Palavra de Deus nos ensina que a nossa salvação é por Deus, porque é Ele quem faz tudo; por isso, o homem não pode criar a graça, antes, ela lhe é outorgada, devendo ser recebida sem torná-la vã em sua vida (2Co 6.1; 8.1; 1Co 15.10).

17 Vd. John Gill, *A Complete Body of Doctrinal and Practical Divinity*, Arkansas, The Baptist Standadar Bearer, 1989 (Reprinted), I.13. p. 83. [John Gill, “A Complete Body of Doctrinal and Practical Divinity,” *The Collected Writings of: John Gill*, [CD-ROM], [Albany, OR: Ages Software, 2000], I.13].

18 J. Calvino, *Exposição de Romanos*, (11.6), p. 388. À frente Calvino continua: “É preciso lembrar que sempre que atribuímos nossa salvação à graça divina, estamos confessando que não há mérito algum nas obras; ou, antes, devemos lembrar que sempre que fazemos menção da graça, estamos destruindo a justiça procedente das obras.” [*Exposição de Romanos*, (11.6), p. 389].

19 Vd. A. Booth, *Somente pela Graça*, p. 13.

4) *É efetivada pelo poder soberano de Deus*: A nossa salvação é decorrente primeiramente da vontade soberana de Deus (Mt 19.23-36; Hb 7.25; Tg 4.12). Deus age através da sua poderosa palavra (Rm 1.16; 9.16-18; 10.17; 1Co 1.18), conduzindo-nos a Cristo (Jo 6.44,65), confessando-o como nosso Senhor (1Co 12.3). Deus mesmo dá-nos a certeza de que fomos salvos pelo poder da sua graça (Jo 10.27-29); confirmando (Rm 16.25-27);²⁰ selando (Ef 1.13; 4.30), edificando (At 20.32), santificando (2Ts 2.13) e preservando-nos (Jd 24,25), até à conclusão do seu propósito em nós: A salvação eterna para a glória de Deus (Fp 1.6; 2Ts 1.11,12; 1Pe 1.3,5; 2Pe 1.3).

5) *É segundo a sua misericórdia*: A misericórdia de Deus é uma demonstração da sua bondade para com aqueles que estão em miséria e pecado: Misericórdia sempre pressupõe necessidade daquele em quem ela é exercitada. Este é o estado do homem até que Deus o salve (Ef 2.4-5; Tt 3.5).

6) *É fruto da longanimidade de Deus*: Deus é paciente na execução do seu juízo, oferecendo tempo para que o homem se arrependa dos seus pecados e seja salvo. (2Pe 3.9,15).

2.3. A EXTENSÃO DA SALVAÇÃO PROPORCIONADA POR JESUS CRISTO:

2.3.1. JESUS SALVARÁ TODO O SEU POVO:

Jesus veio morrer pelo seu povo, cumprindo as demandas da Lei, sofrendo em lugar daqueles que ele representava, conseguindo assim, de forma inexorável, a salvação de todos os eleitos, conforme o Pacto feito entre ele e o Pai na eternidade. (Is 53.10-11; Mt 1.21; Jo 6.37-40,44,65; 10.14,15; 24-29; 17.6-26; Rm 5.12-21; Ef 5.25-27).

20 Calvino (1509-1564), comentando o texto de Rm 16.25, diz que Paulo ensina aqui a perseverança final. “E para que descanssem (os romanos) e se apoiem neste poder, indica que ele nos foi assegurado pelo evangelho. Por isso não só nos promete a graça presente, ou seja, atual, senão também nos dá a certeza de uma graça eterna. Pois Deus nos anuncia que não somente é nosso Pai agora, senão para sempre, e o que é mais ainda, sua adoção sobrepassa a morte porque nos conduz à herança eterna.” (J. Calvino, *La Epistola Del Apostol Pablo A Los Romanos*, Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1977, p. 393).

A Confissão de Westminster (1647) declara:

... Os que, portanto, são eleitos, achando-se caídos em Adão, são remidos por Cristo, são eficazmente chamados para a fé em Cristo, pelo seu Espírito que opera no tempo devido, são justificados, adotados, santificados e guardados pelo seu poder, por meio da fé salvadora. Além dos eleitos não há nenhum outro que seja remido por Cristo, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo.²¹

2.3.2. JESUS SALVA O HOMEM TODO:

A Bíblia declara que Jesus veio salvar o que estava perdido (Mt 18.11; Lc 19.10), os pecadores (Jo 3.16-17; 12.47; 1Tm 1.15). Jesus salva o seu povo por inteiro. A Bíblia não apresenta, como muitos imaginam, uma espiritualização da salvação, como se o corpo fosse mau e a alma (= espírito) fosse boa, conforme geralmente os filósofos gregos pensavam. A redenção de Cristo é para o homem inteiro pois todo ele está a carecer da libertação do poder do pecado.

Alguns elementos são fundamentais para a nossa compreensão desse ponto:

1) A Escritura usa indistintamente as palavras “salvação” e “cura”:

O verbo *salvar* (Σώζω), o substantivo *salvação* (Σωτηρία) e o adjetivo *salvador* (Σωτήρ) são usados de forma intercambiável para se referir à salvação eterna bem como ao livramento (= cura, libertação, segurança).

a) Salvar (Σώζω): Mt 1.21; 9.21-22; Mc 6.56; 8.35; 10.26,52; At 4.9; 27.30; 1Co 1.18; Jd 5, etc.

b) Salvador (Σωτήρ) e Salvação (Σωτηρία): Lc 1.47,69,71,77; 2.11; At 4.12; 27.34; Fp 1.19, etc.

21 Confissão de Westminster, III.6. Vd. também os capítulos VII e VIII; Catecismo Maior de Westminster, Pergs. 30-36, 41; Catecismo Menor de Westminster, Pergs. 20-21.

2) *A encarnação do Verbo de Deus*: Sendo o corpo (matéria) mau – conforme os gnósticos criam –, o Verbo de Deus não poderia ter assumido uma forma humana (Jo 1.14).

3) *A Ressurreição de Jesus bem como a sua ascensão*: (Jo 20.26-29; At 1.9-11).

4) *A Ressurreição final*: Se o corpo é mau, não deveríamos ter um corpo na eternidade; entretanto, a Palavra nos ensina que quando Cristo retornar, os mortos ressuscitarão e, os que estiverem vivos terão os seus corpos transformados, adaptados à eternidade. (Rm 8.11; 1Co 15.20-23; 35-43; 50-58; Fp 3.21). O “corpo espiritual”²² que teremos (1Co 15.44) não deve ser entendido como uma incorporeidade, mas, sim, “uma existência humana total, alma e corpo incluídos, que será criada, penetrada e controlada pelo Espírito de Cristo.”²³ Um corpo “totalmente pertencente à nova era, totalmente sob a direção do Espírito”.²⁴ Ou, nas palavras de Calvino (1509-1564), um corpo no qual “O Espírito será muito mais predominante (...). será muito mais pleno...”²⁵

A salvação de Jesus Cristo é para o homem todo; Jesus se interessa com a inteireza do homem (corpo e alma).

2.3.3. JESUS SALVA O HOMEM ETERNAMENTE:

A salvação efetuada por Jesus começa aqui e agora e, jamais terá fim: é uma salvação eterna. (Jo 3.16; 3.36; 6.47; 1Tm 6.12; 2Tm 4.18; Hb 9.28; 1Pe 1.5).

22 “Σώμα πνευματικόν”

23 Hendrikus Berkhof, *La Doctrina del Espíritu Santo*, Buenos Aires: Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas/Editorial La Aurora, 1969, p. 120.

24 J.D.G. Dunn, Espírito: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. II, p. 144. De igual forma, interpretam: F. Baumgärtel, Πνεῦμα: In: G. Friedrich; G. Kittel, eds. *Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. VI, p. 421; A.A. Hoekema, *A Bíblia e o Futuro*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 88-90; *Idem., Criados à Imagem de Deus*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999, p. 268; W. Hendriksen, *A Vida Futura Segundo a Bíblia*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988, p. 193; Ray Summers, *A Vida no Além*, 2ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979, p. 90-91; Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 520. Charles Hodge, sem aludir ao texto, faz uma distinção entre o céu e o inferno, dizendo: “O céu é um lugar e estado em que o Espírito reina com absoluto controle. O inferno é um lugar ou estado em que o Espírito já não refreia nem controla. A presença ou ausência do Espírito estabelece toda a diferença entre céu e inferno” (Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, São Paulo: Editora Hagnos, 2001, p. 983-984).

25 João Calvino, *Exposição de 1Coríntios*, São Paulo: Paracletos, 1996, (1Co 15.44), p. 483-484.

3. CONDIÇÕES PARA NOS APROPRIARMOS DA SALVAÇÃO PROPORCIONADA POR JESUS CRISTO:

1) *Arrependimento*: Deus nos conduz ao arrependimento sincero de nossos pecados, imprimindo nova direção em nossa vida, fazendo com que desejemos a salvação oferecida por Jesus Cristo (2Co 7.9-10).

2) *Fé em Jesus Cristo*: A fé é a boa obra do Espírito em nós, como resultado da nossa eleição eterna. Nós não fomos escolhidos porque um dia teríamos fé; Deus nos escolheu e por isso é que temos fé. A fé é a causa instrumental da nossa salvação. (Mc 16.16; Jo 3.16; At 16.30-31; 13.48; 2Tm 3.15; Tt 1.1; 1Pe 1.9).

3) *Regeneração*: Os salvos são aqueles que nasceram de novo pelo poder de Deus. (Jo 3.3,5; Tt 3.5).

4) *Obediência*: Jesus é o autor da salvação daqueles que Lhe obedecem. (Hb 5.9).

5) *Santificação*: A salvação dos eleitos é mediante a santificação e fé. (Ef 1.4; 2Ts 2.13).

6) *Perseverança*: Os salvos não são aqueles que creram durante dez ou vinte anos; mas, sim, aqueles que creram perseverantemente até o fim (Mt 10.22; 24.13; Ap 2.10). Deus pela sua inefável graça nos capacita a perseverar até o fim pois, foi Ele mesmo Quem iniciou a boa obra em nós e, a concluirá em glória (Rm 8.29-30; Fp 1.6; 2Ts 3.3).

7) *Confessá-lo como Senhor*: A confissão sincera do senhorio de Cristo é operada pelo Espírito em nós. (Rm 10.9-10; 1Co 12.3).

IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS E PRÁTICAS:

1) Jesus morreu por nós não porque tivéssemos grande valor aos seus olhos, mas porque Ele nos amou.

2) Por outro lado, você já pensou no valor que Deus confere a cada um de nós, ao ponto de providenciar a nossa salvação desde a eternidade? (Jr 31.3; Ef 1.4). Qual o lugar que Ele ocupa na sua vida?

3) A segurança da nossa salvação não está amparada em nossas frágeis obras, mas nos feitos salvadores da Trindade.

4) Tenha a preocupação em confirmar a sua salvação; desta forma, você terá certeza da sua eleição. (Fp 2.12).

5) Não se preocupe com os motivos insondáveis da sua eleição; medite, sim, no propósito de Deus em nos eleger. (Ef 1.4; 2Ts 2.13).

6) A certeza de que fomos salvos, longe de nos conduzir a um estado de indolência espiritual, deve nos levar à proclamar a grandiosa salvação oferecida por Deus. (Mc 16.15; Rm 10.13-15; 1Co 9.16).

7) Se você tem certeza da sua salvação e, ainda não fez a sua Pública Profissão de Fé, você já pensou no porquê desta omissão? (Mt 10.32; Rm 10.9-10).

O SACERDÓCIO DE CRISTO

INTRODUÇÃO:



Antigo Testamento apresenta com freqüência aspectos de transição que apontam para a sua concretização no Novo Testamento. O AT aponta para além de si mesmo, extrapolando os seus limites históricos, tendo em seu cerne a semente da esperança que germina e frutifica no Novo Testamento.

O sacerdócio é uma dessas sementes, que encontra o seu verdadeiro e definitivo significado em Jesus Cristo: o grande Sumo Sacerdote, aquele quem conferia sentido aos sacrifícios do AT., e que cumpriu definitiva e completamente a necessidade de sacrifícios, através do seu próprio sangue.

É necessário enfatizar, contudo, que a nossa salvação não se deve exclusivamente ao ofício sacerdotal de Cristo, mas sim, à sua obra sacerdotal, profética e real. “A obra mediatória é sempre realizada pela pessoa completa; nem uma só pode ser limitada a qualquer dos ofícios.”¹

¹ Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990, p. 358.

1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS:

A palavra hebraica para sacerdote é כֹהֵן (kōhēn), que é um cognato do árabe “kahin”, que significa, “vidente” e “adivinhador”.² No entanto a etimologia da palavra hebraica é desconhecida.³ A palavra não estava restrita ao uso religioso, podendo se referir a um oficial do governo (2Sm 8.18); no entanto, o seu sentido fundamental é de um “ministro autorizado de Deus”, aquele que serve no altar. (Cf. Hb 5.4).⁴

Os termos gregos para Sacerdote e Sumo Sacerdote, são, respectivamente: ἱερεύς (hiereús) e ἀρχιερεύς (archiereús).

A palavra portuguesa “Sacerdote”, é proveniente do latim “sacerdotis”; “Sacerdócio”, é derivado do latim “Sacerdotium”.

2. DISTINÇÃO ENTRE O MINISTÉRIO PROFÉTICO E O MINISTÉRIO SACERDOTAL:

O profeta era um homem escolhido por Deus para ser o seu porta-voz aos homens; a sua fidelidade consistia em declarar aos homens a Palavra autêntica de Deus. O Profeta não criava nem adaptava a mensagem; a ele competia transmiti-la como havia recebido (Ex 4.30; Dt 4.2,5). Portanto, o que se exige do profeta é fidelidade.⁵ Esta declaração dos desígnios de Deus envolvia a admoestação, a exortação, a repreensão e a apresentação das gloriosas promessas do Senhor (Ex 7.1; Nm 12.6-8; Dt 18.18; Jr 1.4-10). O profeta é, de certo modo, filho de seu tempo – sem dúvida chamado e capacitado por Deus –, mas que fala ao seu povo,

2 Vd. Gesenius' *Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*, 13ª ed. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1978, p. 385; J. Baehr, Sacerdote: In: Colin Brown, ed. ger. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. IV, p. 287.

3 Cf. J. Barton Payne, kāhan: In: R. Laird Harris, ed. *Theological Wordbook of the Old Testament*, Chicago, Moody Press, 1980, Vol. I, p. 431a.

4 Cf. J. Barton Payne, *The Theology of the Older Testament*, Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, (c) 1961, p. 372.

5 Stott resume bem a tarefa do profeta: “A característica essencial do profeta não era prever o futuro nem interpretar a atividade presente de Deus, mas falar as palavras de Deus.” (J.R.W. Stott, *O Perfil do Pregador*, São Paulo: SEPAL., 1989, p. 12).

estimulando, exortando e repreendendo, dentro de um locus temporal e histórico, no qual o povo vive e atua.⁶

O Sacerdote era também escolhido por Deus para representar-se a si mesmo (como parte integrante do povo) e aos homens diante de Deus, oferecendo sacrifícios, fazendo intercessão e abençoando o povo (Lv 9.22; Hb 5.14; 7.1,25,27; Lv 9.7). A sua função era mediadora entre Deus e os homens. Resumindo: “O profeta fala da parte de Deus ao povo; mas é o sacerdote que fala da parte do povo a Deus.”⁷

3. A NECESSIDADE DO SACERDÓCIO:

O Sacerdócio foi criado por Deus devido ao seu beneplácito; à sua bondade e amor atuantes, que se manifestam como um ato voluntário e doador (Is 53.10; Jo 3.16; Rm 5.8; Gl 1.4; Cl 1.19,20), considerando o pecado do homem que o distanciou de Deus e, por isso, se encontra em profunda miséria espiritual. O Sacerdócio pressupõe uma relação rompida; por isso mesmo, ele tem uma função mediadora entre o homem e Deus, através dos sacrifícios que eram oferecidos pelos seus pecados.

Desta forma, podemos dizer que o sacerdócio é necessário por causa do pecado e, tornou-se uma realidade pelo amor misericordioso de Deus.

4. CARACTERÍSTICAS DO SACERDOTE JUDAICO:

O Sacerdote deveria ser:

1) *Escolhido dentre os homens para ser seu legítimo representante:* Ex 28.9,12,21,29; Hb 5.1,2. Ele se aproximaria de Deus para oferecer sacrifícios, abençoar e fazer intercessão pelo povo (Ex 19.23-24; Nm 6.22-26; Lv 16.3,7,12,15; Lc 1.8-10; Hb 5.3);

6 “O profeta é sempre produto do seu tempo, mesmo criticando-o e especialmente por isso, porque, seja como for, é em relação ao seu tempo que ele se situa.” (Alphonse Maillot; A. Lelièvre, *Atualidade de Miquéias: Um Grande “Profeta Menor”*, São Paulo: Paulinas, 1980, p. 23).

7 J. Barton Payne, *The Theology of the Older Testament*, p. 372

2) *Escolhido por Deus*: Ex 28.1; Hb 5.4.

3) *Santo, íntegro e consagrado ao Senhor*: Ex 39.30,31; Lv 21.6.

4) *Compassivo*: Hb 5.2. (μετριοπαθέω = “moderado nas paixões ou nos sentimentos”). O sacerdote deveria ser paciente com os seus irmãos, tendo consciência de suas próprias fraquezas, mas, ao mesmo tempo, deveria ser firme na aplicação da Palavra de Deus. A palavra grega indica um meio termo entre o excesso de entusiasmo e a indiferença absoluta; entre a indiferença e o sentimentalismo melindroso.

5. JESUS CRISTO: O SACERDOTE PERFEITO:

O Livro de Hebreus – “*A Epístola do Sacerdócio*” –, retrata com detalhes o Sacerdócio de Cristo, mostrando a sua excelência e quão superior ele é ao sacerdócio arônico. O Sacerdócio de Cristo, conforme nos mostra Hebreus, é definitivo, não precisando ser suplementado nem aperfeiçoado. Por isso, Cristo é chamado de “grande sacerdote” (ἱερέα μέγαν) (Hb 10.21). Calvino resume: “Cristo é o único Sacerdote qualificado”.⁸

Na realidade, os sacrifícios oferecidos no AT., eram apenas sombras daquele sacrifício perfeito que seria oferecido definitivamente (Hb 5.9-10; 8.2,6,13; 9.11,23,24,28; 10.1; 13.11,12; Cl 2.16,17). Cristo de fato representou uma aliança superior (Hb 8.6; 9.11), cumprindo de forma muitíssimo mais elevada o que os sacrifícios do AT. se propunham a fazer. As ofertas feitas sob a Lei foram aceitáveis ao Senhor porque – conforme ele mesmo as instituiu –, prefiguravam a oferta perfeita de Cristo.⁹ Também, os sacrifícios eram auxílios que visavam conduzir os homens à obediência e piedade.¹⁰

8 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.26), p. 199.

9 “Ele [escritor de Hebreus] novamente nos lembra que o juramento foi posterior à lei, para demonstrar que Deus não se satisfaz com o sacerdócio sob a lei, senão que sua vontade era que algo superior fosse constituído. Nas instituições divinas, o que vem depois é sempre melhor do que o que vem antes, visando a um estado superior, ou anula o que foi feito para ter validade por um período limitado.” [João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.28), p.201].

10 Cf. João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. 2, (Sl 40.6), p. 226.

No capítulo 8 de Hebreus, o escritor sagrado faz um resumo do Sacerdócio de Cristo, dizendo:

Ora, o essencial (κεφάλαιον = “principal”) das cousas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono na Majestade nos céus, como ministro do santuário do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem (Hb 8.1-2).

Cristo ministra no verdadeiro tabernáculo (Hb 8.2; 9.24), aquele que não é cópia de um modelo melhor; antes, é o eterno, estabelecido por Deus, é o tabernáculo *real* (Hb 8.2) (ἀληθινός). O sacerdócio anterior, obviamente não era falso; ele era apenas um sinal do verdadeiro representado por Jesus Cristo.

Resumindo, podemos dizer que, Cristo como Sacerdote:

1) Ofereceu a Deus um sacrifício perfeito para satisfazer a justiça divina, reconciliando o seu povo com Deus (Rm 3.26; Hb 2.17; 9.14,28);

2) Intercede continuamente pelo seu povo, fundamentado nos seus méritos redentores (Jo 17.6-24; Rm 8.34; Hb 7.25; 9.24).

Analisemos agora, alguns aspectos do Sacerdócio de Cristo.

5.1. CARACTERÍSTICAS DO OFÍCIO SACERDOTAL DE JESUS CRISTO:

Jesus é o Mediador da Nova Aliança (Hb 12.24), que é superior (Hb 8.6). Como tal, ele se identificou com os sacerdotes da antiga aliança, apresentando, contudo, um único sacrifício, de real valor, no Tabernáculo Celestial, do qual o terreno era apenas uma sombra (Hb 7.18,19; 8.1,2; 9.11-12,24). “Jesus Cristo é o único sacerdote e o único sumo sacerdote do Novo Testamento, para o qual foram transferidos todos os sacerdócios e no qual todos eles estão encerrados e acabados”.¹¹

11 João Calvino, *As Institutas*, (1541), IV.12.

5.1.1. EM RELAÇÃO A DEUS:

1) *Escolhido por Deus dentre os homens:* (Hb 5.1-5,10; Jo 1.14; Hb 3.1-2).

No Sacerdócio de Cristo, O encontramos como Sacerdote e como oferta: ele se oferece a si mesmo; sendo escolhido por Deus e, concomitantemente, agindo voluntariamente: Deus O escolheu e ele espontaneamente se deu (Mc 10.45; Jo 10.17-18; Ef 5.2; Gl 1.4). Daí a necessidade do Mediador ser homem (Jo 1.14; 1Tm 2.5). Somente um homem poderia ser sacerdote, mas somente o Deus encarnado poderia sê-lo perfeito.

“Por que era indispensável que o Mediador fosse homem?”, indaga o *Catecismo Maior de Westminster (1647)*.

“Era indispensável que o Mediador fosse homem, para poder soerguer a nossa natureza e possibilitar a obediência à lei, sofrer e interceder por nós em nossa natureza, e solidarizar-se com as nossas enfermidades, para que recebêssemos a adoção de filhos, e tivéssemos conforto e acesso, com confiança, ao trono da graça.”¹²

2) *Fiel:* (Hb 3.1-2; 2.17).

A fidelidade de um enviado é avaliada através do cumprimento de sua missão. Jesus Cristo cumpriu o seu ministério terreno glorificando o Pai (Jo 17.4; Jo 19.30).

3) *Piedoso:* (Hb 5.7)¹³

Jesus Cristo em seu ministério terreno cuidou de cada detalhe do seu Ministério com o sentimento adequado, correspondente à sua grande responsabilidade. Jesus tinha perfeita consciência das implicações da sua obra e, também, de que a cruz era a sua rota obrigatória.

4) *Obediente:* (Hb 5.8)

O aprendizado de Cristo não consistiu em uma passagem da desobediência à obediência; antes, significa que Jesus Cristo – como perfeitamente homem e perfeitamente Deus –, conforme crescia, amadurecia, tomando sobre si maiores

¹² *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 39. Vd. também, as perguntas 38 e 40.

¹³ Εὐλάβεια = “temor piedoso”, “reverência”.

responsabilidades, desenvolvendo a sua natureza humana.¹⁴ “Quanto mais velho ficava, tanto mais seus pais podiam exigir dele obediência, e tanto mais seu Pai celestial podia-lhe atribuir tarefas na força de sua natureza humana. Com cada tarefa cada vez mais difícil, mesmo quando implicava algum sofrimento (como especifica Hb 5.8), aumentava a habilidade moral de Jesus, sua capacidade de obedecer sob circunstâncias cada vez mais difíceis. Podemos dizer que essa ‘espinha moral’ foi fortalecida por exercícios cada vez mais difíceis. Mas em tudo isso ele jamais pecou.”¹⁵

Como já vimos, a obediência de Cristo foi em favor do seu povo; ele viveu em constante harmonia com a vontade do Pai; o preço da obediência era o sofrimento; assim, ele foi batizado, submeteu-se às leis do povo, foi ultrajado, torturado, contado entre os transgressores, morto e sepultado. O próprio Jesus diz: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que meu enviou, e realizar a sua obra”. (Jo 4.34). O seu alimento e alegria consistiram em realizar a obra do Pai. (Vd. Is 50.4-7; 53.4-7).

5) *Sem pecado*: (Hb 4.15; Hb 5.1-3; Hb 9.28; Lv 9.7)

Se Cristo tivesse pecado, poderia ser sacerdote (Hb 5.2); não poderia, contudo, ser a oferta imaculada (1Pe 1.18,19), nem o seu sacrifício teria um valor eterno. “Ele não carece de qualquer sacrifício, visto que ele não foi maculado por qualquer nódoa do pecado. Seu sacrifício foi tal que, por si só, foi suficiente até ao fim do mundo, visto que ele ofereceu-se a si mesmo.”¹⁶

6) *Santo*: (Hb 7.26¹⁷; At 2.27; 13.35)

Na Septuaginta, esta palavra traduz com freqüência חסיד (hāsîd) palavra que é aplicada a Deus (Dt 32.4; Sl 147.17) e, também, ao homem que aceita conscientemente as obrigações decorrentes do seu relacionamento com Deus; é o “leal”, “o piedoso”, “o fidedigno” (Dt 33.8). Hāsîd se relaciona com חֶסֶד (hesedh). A idéia principal desta palavra é a de que Deus manifesta o seu amor ativamente na forma

14 Vd. Abraham Kuyper, *The Work of the Holy Spirit*, p. 102.

15 Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 439.

16 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.27), p. 200-201.

17 ὅσιος = “devoto”, “piedoso”, “reverente temor”.

de uma relação de um pacto; o ברית é um “amor de Pacto” (Dt 7.9,12; Jr 31.3)¹⁸ O Pacto de Deus é unilateral no que concerne às suas demandas e provisões; compete ao homem aceitá-lo ou não, porém, não pode modificar os seus termos. O ברית é a causa e o efeito do Pacto; Deus fez o Pacto por misericórdia; Ele revela a sua misericórdia de acordo com o Pacto (1Rs 8.23; Is 55.3).

Devido ao seu ברית , Deus voluntariamente elege o seu povo, mantendo-Se fiel nesta relação independentemente da fidelidade circunstancial dos seus eleitos (Dt 7.6-11; 2Sm 2.6; Sl 36.5; 57.3; 89.49; Is 54.10; 55.3).

O ברית de Deus não é barato; Deus não age movido por um sentimento incontrolável e incoerente; antes, Deus encontra um justo caminho para estabelecer uma relação sólida com o homem pecador. O fundamento desta nova relação é o próprio Cristo. Assim sendo, a santidade de Jesus Cristo se revela na sua determinação fiel ao cumprimento do Pacto da Graça (Jo 17.4). No Antigo Testamento, o *hâsîd* (fiel, piedoso), é aquele que pratica o ברית .¹⁹ (Vd. Hb 2.17; 4.15).

7) *Inculpável*: (Hb 7.26)²⁰

Esta palavra foi usada na Septuaginta para descrever o caráter de Jó (Jó 2.3; 8.20. Vd. também: Sl 25.21; Pv 2.21; 8.5). Ela é aplicada ao homem que não foi possuído pela maldade; em seus pensamentos e atos não há malícia.

8) *Sem mácula*: (Hb 7.26)²¹

Esta palavra descreve uma pureza ética; a idéia predominante é a ausência de qualquer coisa que se constituiria em corrupção diante de Deus. Ela denota, portanto, o que o cristão deve ser diante de Deus. “A genuína santidade e irrepreensibilidade se encontram unicamente nele [em Cristo].”²²

18 Van Groningen, comentando o Salmo 111.1, chama a expressão de “fidelidade pactual”; no Salmo 118.1, designa de “amor pactual” (Gerard Van Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento*, Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1995, p. 351, 363). Packer, a traduz por “Amor constante” (J.I. Packer, *Vocabulos de Deus*, São Paulo, FIEL., 1994, p. 88); Eichrodt, chama de “amor solícito” (Walther Eichrodt, *Teologia del Antiguo Testamento*, I, p. 213).

19 Vejam-se, Ernst Jenni; Claus Westermann, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1978, Vol. I, p. 857; Hermisten M.P. Costa, *A Graça de Deus: Comum ou Exclusiva?*, São Paulo: 2000, *passim*.

20 $\alpha\kappa\alpha\kappa\omicron\varsigma$ = “sem maldade”, “inocente”, “intocado pelo mal”.

21 $\alpha\mu\acute{\iota}\alpha\nu\tau\omicron\varsigma$ = “imaculado”, “puro”.

22 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.26), p. 199.

As Escrituras declaram que foi assim que Jesus Cristo Se ofereceu vicariamente por nós (Hb 9.14; 1Pe 1.19), sem mancha, sem pecado. O Cordeiro de Deus foi imolado por nós (1Co 5.7), a fim de nos tornar sem mácula, nem ruga, nem impureza alguma (Ef 5.25-28), cumprindo assim, parte do objetivo da nossa eleição eterna. (Ef 1.4).²³

9) *Perfeito*: (Hb 7.28)²⁴

Cristo como sacerdote, cumpre perfeitamente o seu objetivo; a sua obra é suficiente para satisfazer as necessidades do seu povo, dentro de um critério de avaliação divino (Hb 2.10; 5.9; 7.19; 10.14). Por isso é que a Igreja no céu, é descrita como sendo a dos “*espíritos dos justos aperfeiçoados*” (τελειόω) (Hb 12.23). Jesus, o Sacerdote perfeito cumpre o seu propósito aperfeiçoando o seu povo.

5.1.2. EM RELAÇÃO AO SEU POVO:

O que Jesus Cristo é em relação ao seu povo, é decorrente daquilo que ele é em si mesmo e na relação com o seu Pai. Daí que, a sua obra é decorrência daquilo que analisamos no tópico anterior.

1) *Intercessor*: (Hb 7.25; 6.19,20; 8.1,2)

A intercessão de Cristo não é feita através de evasivas, que procurasse olhar a nossa “boa intenção” ou a nossa “inocência”, não, ela é objetivamente respaldada nos merecimentos de Cristo. Como bem expressou Calvino: “A intercessão de Cristo é uma contínua aplicação de sua morte para nossa salvação.”²⁵ A intercessão de Cristo fundamenta-se nos seus merecimentos, obtendo para os seus eleitos, os frutos da sua Obra expiatória (Rm 8.34; Hb 7. 25; 1Jo 2.1).²⁶ “O autor [de Hebreus] nos mostra, por meio do exemplo de

23 Vd. Hermisten M.P. Costa, *A Eleição de Deus*, São Paulo: 2000.

24 Τελειόω = “aperfeiçoar”, “tornar perfeito”, “levar até seu objetivo”.

25 John Calvin, *The First Epistle of John*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, (*Calvin's Commentaries*), 1981, Vol. 22, (1Jo 2.1), p. 171.

26 “Não temos como medir esta intercessão pelo nosso critério carnal, pois não podemos pensar do Intercessor como humilde suplicante diante do Pai, com os joelhos genuflexos e com as mãos estendidas. Cristo contudo, com razão intercede por nós, visto que comparece continuamente diante do Pai, como morto e ressurreto, que assume a posição de eterno intercessor, defendendo-nos com eficácia e vívida oração para reconciliar-nos com o Pai e levá-lo a ouvir-nos com prontidão.” [J. Calvino, *Exposição de Romanos*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 8.34), p. 304].

Cristo, em sua função de Sacerdote, que fazer intercessão pertence a um sacerdote, a fim de que o povo encontre graça da parte de Deus. Cristo faz isso continuamente, porquanto ressuscitou dentre os mortos com esse propósito. Ele justifica seu direito ao título de Sacerdote, em sua ininterrupta tarefa de fazer intercessão.”²⁷

2) *Salvador*: (Hb 7.25; Hb 5.9; 2.10)

Jesus tem poder e, de fato salva a todos os que crêem nele como o único meio de salvação. Como somente os eleitos crêem, a salvação propiciada por Cristo é suficiente e eficiente apenas para o seu povo (Jo 6.37,38,44,65; 8.43-47; 10.16,25-29; 17.2,9,24; At 13.48; Tt 1.1).

3) *Caminho para o Pai*: (Hb 7.25; Jo 14.6; 1Tm 2.5)

É impossível chegar ao Pai sem o conhecimento gracioso e suficiente de Jesus Cristo, o Mediador. Fora de Cristo não há caminho; ele é o único. “É nossa própria indignidade que nos impede de nos aproximarmos de Deus. Portanto, é próprio do ofício do Mediador socorrer-nos aqui e estender sua mão para guiar-nos ao céu.”²⁸

4) *Misericordioso e simpático*: (Hb 2.17²⁹ e Hb 4.15)³⁰

Jesus se identificou existencialmente conosco, com as nossas fraquezas e tentações. Esta identificação foi possível porque ele se tornou “*semelhante aos irmãos*” [ὁμοιόω = “comparar”, “em forma de”. (Vd. At 14.11). Hb 2.17]. Cristo se identificou completamente com o homem.

5) *Propiciador*: (Hb 2.17)³¹

O escritor de Hebreus emprega uma figura comum ao Antigo Testamento para mostrar que Deus mesmo é quem providencia a reconciliação do seu povo consigo mesmo através de Jesus Cristo, e o recebe. (Vd. Hb. 10.19-23; 13.15).

27 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.25), p. 198.

28 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.25), p. 197.

29 ἐλεήμων = “misericordioso”, “compassivo”.

30 Συμπάθεω = “simpatizar com”, “compartilhar da experiência de alguém”.

31 ἱλάσκομαι = “propiciar”, “expiar”, “reconciliar”.

6) *Amparador*: (Hb 2.17,18)³²

Cristo é o sacerdote adequado para todas as nossas necessidades. (Vd. 2Co 6.2).

7) *Precursor*: (Hb 6.19,20; Hb 4.14)³³

A palavra era usada para se referir às tropas ou homens que iam adiante para descrever o avanço do inimigo. Uma palavra que tem o mesmo sentido figurado em nossa língua, é “batedor”.

Jesus foi adiante de nós abrindo-nos definitivamente o caminho para o céu – em comunhão com Deus –, preparando-nos lugar, sendo a sua vitória a manifestação concreta de uma abundante colheita, resultante do seu trabalho (Is 53.11; Jo 14.1-3; 17.24).

8) *Representante*: (Hb 9.24)

Cristo comparece diante de Deus, face a face, como representante do seu povo. Ele é o nosso único Mediador (1Tm 2.5).

9) *Santificador*: (Hb 10.10,14; 13.11,12)

O sacrifício de Cristo é suficiente para nos santificar, cumprindo assim, o propósito de nossa eleição (2Ts 2.13). Sem a santificação, jamais veríamos a Deus (Hb 12.14).

10) *Aperfeiçoador*: (Hb 10.14)³⁴

O sacrifício único de Cristo é suficiente para levar a cabo o processo de aperfeiçoamento do seu povo. A sua oferta foi única, mas os seus resultados são contínuos. Aqui, vemos mais uma vez um contraste entre as ordenanças da lei e a obra de Cristo: a lei não podia propiciar aperfeiçoamento (Hb 7.17-19); Jesus, o Filho, é perfeito para sempre (Hb 7.28), e nos aperfeiçoa, dentro do seu propósito eterno (Vd. Ef 1.11-14; Fp 1.6; 1Pe 1.3-5).

5.2. A EFICÁCIA DO SACERDÓCIO DE CRISTO:

1) *Eterno e imutável*: (HB 5.6; 6.20; 7.3,17,21-24)

A eternidade do valor do sacrifício de Cristo, é decorrente da dignidade

32 Βοηθέω = “ajudar”, “socorrer alguém em necessidade”.

33 Πρόδρομος = “ir antes”.

34 Τελειόω = “completar”, “cumprir o objetivo”.

daquele que Se ofereceu a si mesmo por nós. “Os antigos sacerdotes eram em maior número em razão de a morte interromper seu sacerdócio. Quanto a Cristo, não há morte que o impeça de cumprir seu ofício. Por isso, ele é o único e eterno Sacerdote. Propósito distinto produz resultados distintos”.³⁵

2) *Único*: (Hb 7.24,27; 9.11,12,23-26,28; 10.10,12,14)

A unicidade do sacrifício de Cristo se deve ao fato de sua obra ter sido suficiente para salvar a todos aqueles que pela graça se arrependem dos seus pecados, e crêem em Cristo como seu único e suficiente Salvador. Tentar acrescentar algo à sua obra, significa invalidá-la. A nossa salvação é pela graça somente, que emana das obras da Trindade Santa.

3) *Poderoso*: (Hb 2.17,18)

Jesus Cristo é perfeitamente suficiente e adequado para socorrer o seu povo. (Vd. 1Co 10.13; Fp 4.13). “Visto que nos reconciliamos com Deus, em Cristo, através de seu verdadeiro sacrifício, somos, todos nós, por sua graça, feitos sacerdotes com o fim de podermos consagrar-nos a ele como sacrifício vivo e tributar-lhe toda a glória por tudo o que temos e somos. Não resta mais nenhum sacrifício expiatório para se oferecer, e não se pode fazer tal coisa sem trazer grande desonra para a cruz de Cristo.”³⁶

5.3. OS FRUTOS DO SACERDÓCIO DE CRISTO:

Esses frutos consistiram na plena obtenção daquilo que ele veio fazer: Reconciliar-nos com Deus.

Didaticamente, podemos apresentar alguns aspectos desta reconciliação, que de certa forma, já foram tratados em outros pontos deste estudo.

1) aniquilou o poder do pecado: (Hb 9.26,28; Jo 1.29; 8.32-36; Rm 5.21)

2) redenção eterna: (Hb 9.12)

Fomos reconciliados definitivamente com Deus (Rm 5.10,11; 2Co 5.18-

³⁵ João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.23), p. 197.

³⁶ João Calvino, *Exposição de Romanos*, (Rm 12.1), p. 424.

21). “Nossa salvação é o fruto do sacerdócio eterno, se porventura colhermos tal fruto pela fé, como devemos fazê-lo. Pois onde a morte ou mudança se faz presente, aí buscaremos a salvação sem qualquer resultado. Por isso, aqueles que aderem ao antigo sacerdócio jamais alcançarão a salvação”.³⁷

3) justificação: (Rm 3.24-25)

A redenção está associada à justificação. Fomos redimidos pela justiça de Cristo que nos declarou justos diante de Deus. Como resultado disto, temos paz com Deus (Rm 5.1,10,11; 1Pe 1.18,19).

4) purificou a nossa consciência: (Hb 9.14)

A oferta repetida pelos pecados renovava e tornava atuante a consciência do pecado (Hb 10.1-4). Os sacrifícios da antiga dispensação tinham um alcance apenas exterior, sendo ineficazes no que concerne à consciência (Hb 9.9; 10.1,11). O sacrifício de Cristo nos purifica totalmente; somente ele realiza uma mudança radical em nós. A purificação exterior deve ser um reflexo de uma transformação interior. É precisamente esta purificação que foi realizada por Cristo.

6. ATITUDES PARA COM JESUS CRISTO, O SACERDOTE PERFEITO:

Nós como povo redimido por Cristo, considerando a sua obra sacerdotal, devemos estar atentos ao que a Bíblia requer de nós, como fruto do penoso trabalho do nosso Salvador.

1) fé: (Hb 4.16; 10.21,22; 11.6)

Confiança sem reservas na obra de Cristo como a única suficiente para nos restaurar à presença de Deus.

2) adoração sincera: (Hb 9.14; 12.28; 13.11-15)

Fomos reconciliados com Deus a fim de que lhe prestemos uma liturgia agradável, conforme os seus preceitos. “O culto é a essência e o coroamento da

37 João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 7.25), p. 197.

atividade cristã”.³⁸ A Igreja é uma comunidade litúrgica porque a sua vocação inexorável é adorar a Deus, narrando os seus atos heróicos e salvadores; portanto, o culto é um testemunho solene e público das “Virtudes de Deus”. (1Pe 2.9-10; Hb 13.15).³⁹

3) glorificá-lo: (Hb 3.1-3; Jo 17.5,9,10; 2Ts 1.10-12)

A Igreja glorifica a Cristo sendo-lhe obediente. Na obediência da Igreja testemunhamos a glória de Deus (Mt 5.16).

4) confessá-lo: (Hb 3.1; 4.14; 1co 12.3; Rm 10.9,10)

A Igreja confessa que ela é o que é pelos méritos de Cristo. Esta confissão é um testemunho público da sua consciência, da sua identidade (1Pe 2.9-10).

CONCLUSÃO:

Jesus Cristo é o clímax da Revelação; é a Palavra Final de Deus. Nele temos não uma metáfora ou um sinal, antes, temos o próprio Deus que Se fez homem. “Jesus Cristo é a revelação final e especial de Deus. Porque Jesus Cristo era verdadeiramente Deus, ele nos mostrou mais plenamente com quem Deus era semelhante do que qualquer outra forma de revelação. Porque Jesus foi também completamente homem, ele falou mais claramente a nós do que pode fazê-lo qualquer outra forma de revelação”.⁴⁰

Cristo executou o seu ofício sacerdotal entregando-se a si mesmo, voluntariamente, como sacrifício vicário, para satisfazer a justiça divina, reconciliando-nos com Deus e, hoje, continua exercendo o seu ofício sacerdotal, fazendo contínua e eficaz intercessão pelo seu povo.⁴¹ A ele pois, toda a honra e toda a glória!

38 C.F.D. Moule, *As Origens do Novo Testamento*, São Paulo: Paulinas, 1979, p. 45.

39 Vd. Hermisten M.P. Costa, *O Culto Cristão*, São Paulo: 1998.

40 James W. Sire, *O Universo ao Lado*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 40.

41 Vd. *Catecismo Maior de Westminster*, Perg. 44.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

INTRODUÇÃO

A ressurreição de Cristo é o coroamento do seu ministério terreno. Ela é repleta de significado para o ministério de Cristo e, conseqüentemente para a vida da Igreja, que é o seu corpo. Sem a ressurreição a obra de Cristo seria nula, a Igreja não existiria, não haveria salvação, estaríamos todos perdidos para sempre!. “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos....” (1Co 15.20); esta é a fé da Igreja;¹ é nossa certeza. Estudemos, agora, este tema de tão grande importância.

1. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO FOI PREDITA:

1.1. PREDITA PELOS PROFETAS:

A doutrina da ressurreição encontra no Antigo Testamento apenas pequenos vislumbres, sendo aclarada totalmente no Novo Testamento, especialmente

¹ “A Cristandade descansa na certeza da ressurreição de Jesus como uma ocorrência no espaço-tempo da história” (J.I. Packer, *Teologia Concisa*, Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1999, p. 119).

após a ressurreição de Jesus Cristo.² Todavia, ali temos indícios suficientes da morte e ressurreição do Messias. Tais referências tornam-se mais claras, à luz da interpretação dada por Jesus e pelos apóstolos, os quais juntamente com os profetas, constituem-se no modelo perene e fiel de interpretação da Palavra.

Davi escreve profeticamente: “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16.10). Pedro interpretando³ esta passagem, diz: “Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente, a respeito do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono; prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas” (At 2.29-32).

Como indicativo das referências veterotestamentárias alusivas à ressurreição de Jesus Cristo, à luz das interpretações de Jesus e dos apóstolos vejamos os textos abaixo:

Salmo 16.10: Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.

Isaías 26.19: Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho, ó Deus, será como o orvalho de vida, e a terra dará à luz os seus mortos.

Oséias 6.2: Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele.

Lucas 24.27; 44.46: 27 E, começando por Moisés, discorrendo por

2 Veja-se: Hermisten M.P. Costa, *A Literatura Apocalíptica Judaica*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, *passim*.

3 “A fé cristã primitiva reinterpreto o Antigo Testamento à luz dos novos eventos revelatórios de Cristo. Isto não equivale, necessariamente, a que haja uma relação matemática – uma por uma – entre a profecia e seu cumprimento. Significa que a corrente inteira da história e a profecia do Antigo Testamento se cumprem em Cristo” (George E. Ladd, *Creio en la Resurreccion de Jesus*, Miami, Florida: Editorial Caribe, 1977, p. 142).

todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. 44 A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. 45 Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; 46 e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia.

Atos 2.29-31: 29 Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. 30 Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, 31 prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção.

Atos 13.32-37: 32 Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, 33 como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. 34 E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse: E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi. 35 Por isso, também diz em outro Salmo: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção. 36 Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. 37 Porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção.

Atos 26.22-23: 22 Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, 23 isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.

1.2. PREDITA PELO PRÓPRIO JESUS:

Jesus Cristo tinha perfeita consciência da sua missão. Esta consciência envolvia também a certeza da sua ressurreição; por isso, ele a anunciou como fato que se sucederia à sua morte, a qual também era evidentemente certa. Curiosamente, seus discípulos pareciam entender apenas parte do que dizia: o sofrimento e a morte, não a ressurreição e a glória. Vejamos alguns exemplos: Depois da resposta de Pedro, identificando a Jesus como o Cristo, relata Mateus: “Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia” (Mt 16.21). Em outra ocasião:

Reunidos eles na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente” (Mt 17.22-23). “Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá” (Mt 20.17-19). “Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos (Mc 9.9-10) (Vejam-se também: Mt 26.31-32).

O Senhor ressuscitado, no caminho de Emaús, diz àqueles dois discípulos desanimados: “.... Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua gló-

ria? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.25-27).

2. A RESSURREIÇÃO DE CRISTO COMO FATO INCONTESTÁVEL:

A primeira tentativa de se negar a ressurreição de Cristo foi feita pelos próprios sacerdotes judeus. Justamente aqueles que deveriam se arrepender de seus erros, tentam, diante das evidências dos fatos, ocultar a verdade mediante suborno (Cf. Mt 28.11-15). Entretanto, eles nada podiam fazer de eficaz contra a realidade do Senhor Jesus ressurreto.

Aqui não nos ocuparemos com as tentativas dos incrédulos em negar o fato da ressurreição; para nós, basta o que a Bíblia nos diz; todavia, apresentaremos alguns elementos bíblicos que manifestam com clareza a realidade da ressurreição de Cristo.

2.1. OTÚMULO VAZIO:

Mateus registra que um anjo do Senhor removeu a pedra (de cerca de duas toneladas)⁴ que fechara o sepulcro de Jesus (Mt 28.2-4); certamente isto não foi feito para que Jesus pudesse sair, visto que a matéria não servia de empecilho para o corpo glorificado do Senhor ressurreto (Cf. Jo 20.19,26); todavia isto foi feito, segundo me parece, a fim de que primeiramente Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de José (Mt 27.56,61; 28.1), pudessem constatar com os seus próprios olhos o túmulo vazio (Lc 24.1-3) e, posteriormente, também o fizessem João e Pedro (Jo 20.1-10). O túmulo continuou vazio como evidência concreta da ausência do corpo de Jesus. Todavia, o túmulo vazio pode ser explicado de três formas: 1) Os discípulos de Jesus levaram o corpo; 2) Os inimigos de Jesus levaram o corpo; ou 3) ele realmente ressuscitou.

⁴ Cf. Josh McDowell, *As Evidências da Ressurreição de Cristo*, São Paulo: Candeia, 1985, p. 77-78.

Analisemos rapidamente as possibilidades: Quanto à primeira, podemos observar que não aconteceu, pois eles ficaram desanimados e desesperados com a morte de Jesus, não esperando ressurreição alguma (Cf. Lc 24.17-21; 36,37); e, mesmo que eles tentassem raptar o corpo de Jesus, isto seria impossível visto que havia uma escolta de sobreaviso guardando o túmulo (Cf. Mt 27.62-66). O mesmo é válido para a possibilidade dos inimigos de Jesus tentarem roubar o seu corpo; e, também, por que eles fariam isso? Para dar uma pista errada aos crédulos? Ora, se fosse assim, e o rapto tivesse ocorrido, quando os discípulos comessem a proclamar a ressurreição de Cristo, eles viriam a público apresentando o corpo morto de Cristo ou alguma evidência irrefutável, silenciando definitivamente a pregação apostólica e pondo fim à Igreja de Cristo; entretanto eles silenciaram; tentaram pela força fazê-los calar, visto que não tinham como argumentar contra a evidência do túmulo vazio. Jesus realmente ressuscitou!

2.2. AS APARIÇÕES DE JESUS:

O Senhor ressurreto apareceu durante quarenta dias (At 1.3) a várias pessoas em cerca de 13 ocasiões diferentes, dando prova evidente da sua ressurreição. Paulo faz um sumário das aparições de Jesus ressurreto (1Co 15.3-8).

2.3. A TRANSFORMAÇÃO DOS DISCÍPULOS:

Apesar de sua a priori autoconfiança ingênua, os discípulos, diante da prisão de Jesus, fogem deixando-o em mãos de seus algozes (Mt 26.33-35;56). Após a sua crucificação, estão atemorizados, às portas trancadas (Jo 20.19,26); agora, após a confirmação da ressurreição de Cristo, Pedro – que antes negou a Cristo três vezes –, juntamente com João, dá testemunho corajoso diante das autoridades judaicas (At 4.13,18-20; 5.29). Esta transformação só pode ser explicada pela certeza da presença confortadora do Cristo vivo entre eles

(Mt 28.20). Os apóstolos jamais extrairiam esta coragem de uma mentira por eles inventada; esta ousadia era fruto do Espírito de Cristo que neles habitava (2Tm 1.7).

2.4. A PREGAÇÃO APOSTÓLICA:

A certeza e o significado da ressurreição de Cristo estavam tão nítidos na mente e nos corações dos discípulos, que todos os seus sermões tinham como clímax histórico, a ressurreição. A mensagem apostólica apontava para a vitória de Deus sobre o pecado e a morte, por meio da ressurreição de Cristo. A pregação apostólica se baseava nas Palavras e nos atos salvadores de Deus na História; e, a ressurreição foi um fato histórico (Ver: At 1.22; 2.24; 3.15; 4.10,33. 5.30; 10.39-41; 17.2,3,17,18; 26.23; 1Co 15.12).

Como temos enfatizado, Paulo em Atenas, “*pregava* (εὐαγγελίζομαι) a Jesus e a ressurreição” (At 17.18). A ressurreição era a tônica de toda mensagem apostólica; sem a ressurreição de Cristo não haveria pregação, nem fé, nem esperança. No livro de Atos, não encontramos nenhum sermão em que a ressurreição não fizesse parte da proclamação (At 8.5; Rm 10.8-10; 1Co 15.1,3,4,12; 2Tm 2.8). Mesmo que muitos estudiosos céticos não creiam na ressurreição de Cristo, têm de admitir: os discípulos criam e a proclamavam.

2.5. A CONVERSÃO DE MUITÍSSIMOS SACERDOTES:

Humanamente falando, os sacerdotes judeus para aceitarem a pregação de Jesus como o Cristo, precisavam estar certos da realidade da sua ressurreição, já que tudo parecia ser o oposto (por exemplo: A crença predominante de um Messias militar, o boato forjado pelos principais sacerdotes de que os discípulos de Jesus roubaram o seu corpo, etc.). Entretanto, o Deus que age mediante a verdade, agiu em suas mentes e corações por meio da realidade da ressurreição histórica de Cristo (Cf. At 6.7).

2.6. A CONVERSÃO DE SAULO:

Saulo teve a sua vida transformada pelo confronto com o Cristo ressurreto (At 9.1-6). Saulo, o perseguidor, agora é Paulo o perseguido, disposto a dar a sua vida – como de fato deu –, por amor ao Cristo vivo (Vejam-se: At 20.22-24; 21.13; 2Tm 4.6-8). Paulo transforma-se no pregador efetivo do Cristo ressurreto, o qual lhe aparecera no caminho de Damasco e, era uma realidade viva em sua existência (At 22.6-10; 26.8-18). Vinte anos depois do seu encontro com Senhor vivo, Paulo se inclui entre aqueles que viram o Senhor ressurreto, dizendo: “E, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo” (1Co 15.8).

2.7. A OBSERVÂNCIA DO DOMINGO:⁵

É fato que no Novo Testamento não encontramos nenhuma ordem ou mesmo ensinamento para a Igreja se reunir no domingo; se isto é assim, por que, então, a Igreja substituiu o sábado pelo domingo? A resposta para esta pergunta encontra-se nas páginas do Novo Testamento e, também, na História da Igreja dos séculos posteriores. O Novo Testamento nos mostra que a ressurreição de Cristo deu-se “*no primeiro dia da semana*” (domingo) e, que algumas das suas aparições deram-se também no domingo (Cf. Mc 16.2,9; Jo 20.1,19,26).

O sábado está relacionado ao evento histórico da libertação do povo do Egito (Dt 5.15). Além, obviamente da lembrança desse fato histórico, o sábado assume um caráter de gratidão a Deus por sua libertação e preservação; é um convite irrestrito a meditarmos na bondade e misericórdia de Deus para com o seu povo. Guardar o sábado significa preservar a aliança (Ex 31.16).

No Novo Testamento, a associação do dia de descanso com a ressurreição de Cristo foi mais do que natural, visto que é em Cristo que encontramos a verdadeira e total liberdade (Jo 8.32,36) e o padrão que assinala “antecipadamente

5 Veja-se: Hermisten M.P. Costa, *Princípios Bíblicos de Adoração Cristã*, São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

a perfeição da obra recriadora”.⁶ “Na ressurreição, Deus trouxe ao cumprimento final seu programa criativo/redentivo. A criação original produziu o mundo. Mas a criação-ressurreição trouxe o mundo à sua destinada perfeição”.⁷

A Igreja do Novo Testamento era primordialmente composta de judeus, os quais jamais mudariam a guarda do sábado – que era um sinal da aliança feita entre Deus e o povo (Ex 31.13; Ez 20.12,20) –, pelo domingo, se não tivesse um motivo bastante consistente e, mais ainda, se não estivessem convictos da aprovação divina. Deve ser mencionado que mesmo as Igrejas estando sempre com um grande número de judeus, em Atos e nas Epístolas, não encontramos nenhuma discussão ou mesmo menção de problemas relacionados à substituição gradual do sábado pelo domingo.

O único motivo que nos parece plausível para esta mudança, é a certeza de que Cristo ressuscitou no primeiro dia da semana, passando aos poucos os cristãos a se reunirem em casas, no primeiro dia da semana, já que ainda não havia templo cristão (At 20.7; 1Co 16.2). Mais tarde, já no final do primeiro século, João narrando a visão que teve do Senhor, diz que a recebeu no “dia do Senhor” (Ap 1.10), provavelmente se referindo ao dia que a Igreja reservara para o culto cristão.

Outro documento que atesta a antiguidade da guarda do domingo por parte da Igreja Cristã, é o *Didaquê* (c. 120 AD), texto anônimo, o qual usa a mesma linguagem de João se referindo ao domingo como o “*dia do Senhor*”. Assim, aludindo à reunião da Igreja, diz: “Reunindo-vos no dia do Senhor, parti o pão e dai graças....”.⁸

Do mesmo modo, em outro documento escrito por Justino (100-167 AD), por volta do ano 150 – no qual temos a mais completa descrição do culto na Igreja Primitiva –, temos a mesma referência.

6 Gerard Van Groningen, *O Sábado no Antigo Testamento: Tempo para o Senhor, Tempo de Alegria Nele* (II): In: *Fides Reformata*, 4/1 (1999), p. 132.

7 O. Palmer Robertson, *Cristo dos Pactos*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1997, p. 66-67. Vejase: Gerard Van Groningen, *O Sábado no Antigo Testamento: Tempo para o Senhor, Tempo de Alegria Nele* (II): In: *Fides Reformata*, 4/1 (1999), p. 136.

8 *Didaquê*, XIV. In: J.G. Salvador, ed. *O Didaquê*, São Paulo: Imprensa Metodista, 1957, p. 75.

“No dia que se chama do sol [domingo],⁹ celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se lêem, enquanto o tempo o permite, as Memórias dos apóstolos [quatro Evangelhos]¹⁰ ou os escritos dos profetas....”.¹¹

Justino, explicando o motivo porque a Igreja se reunia para cultuar a Deus no domingo, diz: “Celebramos essa reunião geral no dia do sol, porque foi o primeiro dia em que Deus, transformando as trevas e a matéria, fez o mundo, e também o dia em que Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dos mortos”.¹²

Portanto, meus irmãos, a observância do primeiro dia da semana é um sinal evidente de que a Igreja sempre creu na ressurreição de Jesus Cristo.

2.8. OUTRAS EVIDÊNCIAS:

1) A Existência da Igreja:

A Igreja Cristã só pode ser explicada e compreendida à luz da ressurreição de Cristo, porque se Cristo não ressuscitou é vã a nossa fé (1Co 15.14,17). Ladd (1911-1984), de modo enfático afirma: “Não foi a esperança da continuidade da vida no além-túmulo, uma confiança na supremacia de Deus sobre a morte ou a convicção da imortalidade do espírito humano que deu origem à igreja e à mensagem a ser proclamada. Foi a crença em um *evento* acontecido no tempo e no espaço: Jesus de Nazaré ressuscitou dentre os mortos. Fé na ressurreição de Jesus é um fato histórico inevitável. Sem essa evidência não haveria igreja”.¹³

2) A Crença na Divindade de Cristo:

Um dos elementos que atestam a divindade de Cristo é o cumprimento

9 Cf. Justino de Roma, *I Apologia*, São Paulo: Paulus, 1995, 67.7. p. 83-84. Essa prática que tornou-se comum no Novo Testamento, perpetuou-se na Igreja Cristã e, já no segundo século encontramos farto material atestando o culto dominical. (Veja-se: *The Epistle of Barnabas*, XV. In: Alexander Roberts; James Donaldson, eds. *The Ante-Nicene Fathers*, Peabody, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 1995, Vol. I, p. 147; *Carta aos Magnésios*, 9. In: *Cartas de Santo Inácio de Antioquia*, 3ª ed. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1984, p. 53).

10 Esta expressão de Justino refere-se aos Evangelhos, conforme ele mesmo diz: “Foi isso o que os Apóstolos nas Memórias por eles escritas, que se chamam Evangelhos....” (Justino de Roma, *I Apologia*, 66.3. p. 82).

11 Justino de Roma, *I Apologia*, 67. p. 83.

12 Justino de Roma, *I Apologia*, 67. p. 83-84.

13 George Eldon Ladd. *Teologia do Novo Testamento*, Rio de Janeiro: JUERP, 1985, p. 303.

das suas promessas. Se Cristo não tivesse ressuscitado, os discípulos jamais aceitariam a sua divindade, pois, assim, Cristo teria sido o motivo de suas decepções (Ver: Lc 24.13-21).

3) A Existência do Novo Testamento:

Se Cristo não tivesse ressuscitado, não haveria história a ser contada visto que o Novo Testamento é a narrativa do cumprimento das promessas de Deus em Jesus Cristo nosso Senhor (1Co 15.1-5).

Estas são apenas algumas evidências que a Bíblia apresenta da ressurreição de Cristo. A ressurreição para nós é um fato que encontra o seu apoio no registro infalível da Palavra de Deus e, isto nos basta; por isso, a nossa confissão é como a de Paulo: “Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos....” (1Co 15.20).

3. O PODER DO TRINO DEUS NA RESSURREIÇÃO DE CRISTO:

O Novo Testamento declara que a ressurreição de Cristo foi pelo poder do Trino Deus; estas afirmações ora se referem simplesmente a Deus – denotando assim, o trabalho da Trindade –, ora se referem às Pessoas distintamente. A ênfase, sem dúvida, é para evidenciar a unidade da Trindade no mesmo propósito glorioso e salvador.

Em alguns textos das Escrituras encontramos esta obra de modo discriminado:

1) *Poder do Pai* (Rm 6.4; Gl 1.1; Ef 1.17-20).

2) *Poder do Espírito Santo* (1Pe 3.18; Rm 8.11). O mesmo Espírito que gerou em Maria a Pessoa Divino-Humana de Cristo, o acompanhando e fortalecendo em todo o seu ministério, agiu decisivamente em sua ressurreição,¹⁴ a qual assinala a vitória de Deus sobre o pecado, a morte e Satanás (Mt 1.18; Lc 1.35; Mt 4.1; Lc 4.1; Is 11.1-2; Lc 4.18-19; Lc 3.31-32; 4.14; Mt 12.28; Jo 3.34; Hb 9.14).

¹⁴ Veja-se: Francis Turretin, *Institutes of Elenctic Theology*, Phillipsburg, New Jersey: P & R Publishing, 1994, Vol. III, VI.xvii, p. 316.

3) *Poder do Filho* (Jo 2.18-22; 10.17-18). O verbo divino dispunha de todo o poder para ressuscitar o Cristo encarnado, o que realmente o fez.

A Trindade é responsável pela ressurreição de Jesus Cristo; o Pai, o Filho e o Espírito Santo manifestam o seu poder na ressurreição de Cristo; por isso, o Novo Testamento com mais frequência atribui a ressurreição ao poder de Deus, sem mencionar a Pessoa (Ver: At 2.24; 3.15; 4.10; 5.30; 10.40; 13.30,37; Rm 10.9; 1Co 6.14; Cl 2.12, etc.). Comentando Rm 8.11, Calvino explica: “Cristo certamente ressuscitou por si mesmo e pelo seu próprio poder, mas como costumava atribuir ao Pai o poder divino que possuía, então o apóstolo apropriadamente transferiu para o Pai aquilo que era em Cristo uma obra própria de sua divindade”.¹⁵

4. A SINGULARIDADE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO:

A Bíblia apresenta alguns exemplos de pessoas que foram revivificadas, tanto no Antigo como no Novo Testamento; ei-las: O filho da viúva de Serepta (1Rs 17.17-24); o homem que foi jogado na sepultura de Eliseu (2Rs 13.20-21); o filho da sunamita (2Rs 4.17-37); a filha de Jairo (Mt 9.18,23-26); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17). Lázaro (Jo 11.1-46); Dorcas (At 9.36-43) e Êutico (At 20.7-12). Por certo, todos estes voltaram a envelhecer e morrer; contudo, a ressurreição de Cristo foi definitiva, constituindo-se no modelo conclusivo da nossa futura ressurreição. Cristo não voltou a morrer, nem voltaremos após a ressurreição (Rm 6.9).

Na ressurreição de Cristo observamos alguns aspectos que tomados em conjunto tornam-se misteriosos para nós.

4.1. O SEU CORPO ERA REAL:

O corpo de Jesus Cristo após a ressurreição não era anormal no que se refere ao aspecto de visibilidade de um corpo humano – daí não haver nenhum

15 João Calvino, *Romanos*, 2ª ed. São Paulo: Parakletos, 2001, (Rm 8.11), p. 282.

espanto ou comentário a respeito –, todavia, ele não era fácil ou prontamente reconhecido por todos (Cf. Lc 24.13-16, 28-33, 36-43; Jo 20.11-18; 21.1-7), embora isso não fosse impossível de imediato (Cf. Mt 28.9,10). O seu corpo apresentava as marcas da crucificação, podendo ser tocado (Mt 28.9; Lc 24.39-40; Jo 20.20,27); era visível (Mc 16.14; Jo 20.18; 1Co 9.1; 15.4-8); audível (Mt 28.18-20); e, mesmo sem precisar, podia alimentar-se (Lc 24.41-43; Jo 21.5,9,12-15; At 10.41). Estes textos indicam que o corpo de Jesus Cristo era real.

4.2. O SEU CORPO ERA TRANSCENDENTE:

Apesar da realidade e tangibilidade do corpo de Cristo, a Bíblia descreve o fato dele poder aparecer e desaparecer aos olhos de seus discípulos, conforme sua determinação (Lc 24.31,36; Jo 20.19,26).¹⁶ E, com este mesmo corpo, foi assunto aos céus, tendo vencido definitivamente a morte (Rm 6.9; 2Tm 1.10; Ap 1.18). “O corpo ressurrecto de Cristo, portanto, tal como existe agora no céu, ainda que retenha a identidade com seu corpo enquanto estava na terra, é glorioso, incorruptível, imortal e espiritual. Continua ocupando determinada porção de espaço e retém todas as propriedades essenciais como corpo”.¹⁷

5. O SIGNIFICADO DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO:

5.1. SIGNIFICADO TEOLÓGICO:

A ressurreição de Cristo revela alguns aspectos do caráter do Trino Deus:

1) *O Poder de Deus*: A ressurreição de Cristo se constitui no clímax da manifestação do Poder de Deus nesta Era (2Co 13.4; Ef 1.19,20; Cl 2.12; Fp 3.10; At 2.24; 3.15; 4.10; 5.30; Rm 10.9).

¹⁶ Veja-se boa discussão sobre este ponto em Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 510-513.

¹⁷ Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, p. 953. Veja-se: H. Bavinck, *Teologia Sistemática*, p. 402-403. Berkhof comenta: “Sua ressurreição (...) consistiu em que nele a natureza humana, o corpo e a alma, foi restaurada à sua pristina força e perfeição e até mesmo elevada a um nível superior, enquanto que o corpo e a alma foram reunidos num organismo vivo” (Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 347).

2) O *Cumprimento das Escrituras*: Deus é o Autor das Escrituras. Como já vimos acima, a ressurreição de Cristo foi anunciada pelo Espírito por intermédio dos profetas. Caso Cristo não ressuscitasse, a Escritura teria falhado em seu testemunho a respeito do Filho, o que é impossível (Jo 5.39; 10.35). A ressurreição manifesta-se como uma demonstração palpável de que Deus sempre cumpre eficaz e completamente as suas promessas (Vejam-se: Sl 16.10; Is 26.19; Os 6.2; Lc 24.44-46; At 13.32-37).

3) O *Cumprimento das palavras de Cristo*: Conforme já estudamos, Jesus Cristo anunciou a sua morte e ressurreição como fatos que se sucederiam. O acontecimento da ressurreição vem confirmar a veracidade de suas palavras (Cf. Mt 28.6-7; Mc 14.27-28; 16.6,7,14; Lc 24.6-8).

4) A *afirmação de sua filiação Divina*: Jesus em seu ministério reivindicava para si uma filiação única e especial de Deus, demonstrando isso de forma distintiva no seu relacionamento afetivo com o Pai (Cf. Mt 11.27; Mc 14.36; Jo 20.17). Aquele que foi morto como maldito e odiado de Deus era, na realidade, o filho amado no qual o Deus Pai se compraz: “o rejeitado da terra é o coroado do céu”.¹⁸ A sua ressurreição reafirma a realidade da sua filiação eterna (Cf. Rm 1.4).¹⁹

5) O *cumprimento eficaz de sua obra terrena*: A ressurreição significou o cumprimento de seu ministério terreno; o que Cristo afirmara ter vindo fazer, fez de forma completa e eficaz (Lc 24.44-46; Hb 9.23-28; 10.1-14; 1Pe 3.18). A ressurreição sela a sua obra de forma definitiva!

6) A *aprovação de Deus*: A não ressurreição de Cristo, entre outras coisas, significaria a não aceitação do sacrifício do Filho por parte do Pai. A ressurreição consiste na declaração por parte do Pai – como representante da Trindade –, que as demandas do Pacto foram cumpridas no seu aspecto sacrificial pelo Filho, como representante do seu povo eleito; portanto, o Filho não deveria permanecer morto. A ressurreição é o “amém” do Pai à obra expiatória do Filho (2Co 1.20). “Se, afinal, a obra expiatória de Cristo devia ser eficaz, tinha que terminar, não na morte,

18 H. Bavinck, *Teologia Sistemática*, p. 404.

19 “E foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.4).

mas na vida. Ademais, foi o selo do Pai aplicado à obra consumada de Cristo, foi a declaração de que ele a aceitou”²⁰ (At 2.22-24). Na ressurreição Jesus Cristo é publicamente coroado como Senhor!²¹ “No Novo Testamento, a autoridade máxima legitimadora para Jesus Cristo é o próprio Deus, vindicando e exaltando Jesus pela ressurreição e, com isso, retrospectivamente validando seu ministério”.²²

7) O *Triunfo de Deus*: A ressurreição de Cristo assinala a vitória de Deus sobre o pecado, a morte e Satanás. Pelo pecado entrou a morte no mundo; a vitória sobre a morte deveria ser concretizada por meio de um homem que morresse e ressuscitasse (Rm 5.12; 1Co 15.21). Cristo venceu a todos por nós, a fim de nos dar a vida eterna, a começar aqui, em liberdade (Jo 10.10). Por isso, o pecado já não mais nos domina (Rm 6.14; Jo 8.32-34); Satanás e seus demônios estão sob o domínio de Cristo (Ef 1.20-22; Hb 2.14); e a morte foi transformada, significando, agora, não mais o fim, mas sim, o ingresso na eternidade (2Tm 1.10).

5.2. SIGNIFICADO SOTERIOLÓGICO:

A ressurreição de Cristo tem – como já se depreende – rico significado redentor. Isso é o que veremos agora.

1) A *Nossa Regeneração*: Pela regeneração Deus infunde em nós uma nova disposição que nos conduz, sob a influência do Espírito, em direção à vontade de Deus, em uma santa e prazerosa obediência.²³ A ressurreição de Cristo é o fundamento de nossa regeneração (1Pe 1.3). “Quando Jesus ressurgiu dos mortos tinha uma nova qualidade de vida, uma ‘vida ressurreta’ em um corpo e em um espírito humanos perfeitamente adequados à comunhão e à obediência eterna a Deus. Em sua ressurreição, Jesus obteve para nós uma nova vida semelhante à sua. (...)”

20 ouis Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990, p. 350; Veja-se também: Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 514-515.

21 Ver: H. Bavinck, *Teologia Sistemática*, p. 404-405.

22 Alister E. McGrath, *Paixão pela Verdade: a coerência intelectual do Evangelicalismo*, São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 25.

23 “A regeneração consiste na implantação do princípio da nova vida espiritual no homem, numa radical mudança da disposição dominante da alma, que, sob a influência do Espírito Santo, dá nascimento a uma vida que se move em direção a Deus” (L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, p. 470).

Assim é por meio de sua ressurreição que Cristo conquistou-nos o novo tipo de vida que recebemos quando ‘nascemos de novo’”.²⁴ (Ef 2.5-6; Cl 3.1).

2) *A Nossa Justificação*: A morte de Cristo foi para expiar os nossos pecados; e, a ressurreição assegura de forma eterna e efetiva a nossa justificação (Rm 4.25; 8.33-34; 1Co 15.17). A morte e a ressurreição se completam num ato salvador (Rm 5.9-10). A morte de Cristo só teria valor remidor se ele ressuscitasse – como de fato ressuscitou – visto que a sua morte sem ressurreição indicaria apenas a sua condenação. Como poderia um condenado justificar alguém? A ressurreição de Cristo é sinal da nossa justificação; nela temos a declaração de nossa absolvição (Rm 4.25). “A ressurreição de Cristo tinha como seu propósito trazer à luz o fato de que todos os que reconhecem Jesus como seu Senhor e Salvador têm entrado num estado de justiça aos olhos de Deus o Pai, ao ressuscitar a Jesus dentre os mortos, nos assegura que o sacrifício expiatório foi aceito; daí, nossos pecados são perdoados”.²⁵

A Confissão de Westminster, discorrendo sobre a justificação, fala sobre o que chamo de fases da mesma:

Deus, desde toda a eternidade, decretou justificar todos os eleitos; e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles; contudo, eles não são justificados até que o Espírito Santo, no tempo próprio e de fato, comunica-lhes Cristo.²⁶

3) *O Perdão de nossos pecados*: Este ponto é decorrente do anterior, visto que a justificação consiste em Deus perdoar os nossos pecados considerando e aceitando-nos como justos pelos méritos de Cristo.²⁷ Sem a ressurreição, não haveria perdão; por isso, Paulo diz que: “Se Cristo não ressuscitou (...) ainda per-

24 Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 513-514.

25 William Hendriksen, *Romanos*, São Paulo: Cultura Cristã, 2001, (Rm 4.23-25), p. 214.

26 *Confissão de Westminster*, 11.4.

27 Cf. *Confissão de Westminster*, 11.1.

maneceis nos vossos pecados” (1Co 15.17). A ressurreição assinala que há perdão para todos os que pela graça crêem em Cristo.

4) *O Sentido da nossa fé*: A ressurreição de Cristo dá sentido à nossa fé. Se Cristo não tivesse ressuscitado, a nossa fé, por mais intensa que fosse, estaria fundamentada numa mentira; por isso, tudo o que temos estudado seria nulo. Neste caso, a fé teria apenas valor como fé; seria fé na fé, não no fato histórico da ressurreição. Todavia, conforme nos ensinam as Escrituras, o Senhor ressuscitou, sendo este fato o cerne da nossa fé (1Co 15.14,17,20; Rm 10.9,10). A fé bíblica adquire significado a partir de seu alvo. A fé por si só não se auto-referenda.

5.3. SIGNIFICADO KERIGMÁTICO (PROCLAMANTE):

Como temos visto, a ressurreição de Cristo dá sentido à pregação fiel da Igreja (1Co 15.14). A pregação da Igreja não se baseia em fábulas e mitos por ela inventados (2Tm 4.3,4), mas sim, naquilo que Deus disse e realizou, conforme registrado nas Escrituras.

Na evangelização a Igreja declara a sua fé na ressurreição de Cristo, anunciando a remissão de pecados para todos os que crerem no Senhor que morreu e ressuscitou. E mais: foi após a ressurreição que o Senhor Jesus ordenou a Grande Comissão. A ressurreição atesta e sustenta a missão da Igreja.²⁸

5.4. SIGNIFICADO VIVENCIAL:

A ressurreição de Cristo é associada por Paulo à nossa responsabilidade de viver diariamente na presença do Cristo vivo, frutificando para Deus. O nosso velho homem morreu com Cristo e, por meio da sua ressurreição surgiu um novo homem que se consagra inteiramente ao seu Senhor. Assim, a santificação encontra a sua real possibilidade na ressurreição de Cristo, sendo este fato um estímulo constante a vivermos dignamente para Deus. (Ver: Rm 6.4-14; 7.4).

²⁸ Veja-se: John Stott, *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*, São Paulo: ABU Editora, 1997, p. 408-409.

O fato de morrermos e ressuscitarmos com Cristo traz, portanto, como implicação fundamental a responsabilidade de viver a ética do reino nesta vida. A nossa ressurreição com Cristo implica valores novos, celestiais, os quais devem ser sempre considerados em nossos pensamentos, decisões e atitudes (Cl 3.1-4; Rm 6.11-14). Após argumentar acerca da veracidade da morte e ressurreição de Cristo, Paulo exorta: “Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis, e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58).

5.5. SIGNIFICADO ESCATOLÓGICO:

A ressurreição de Cristo é o fundamento da esperança futura da nossa ressurreição (1Co 15.19). Biblicamente nós não podemos separar a ressurreição de Cristo da nossa; ou aceitamos as duas ou as negamos; não podemos dissociá-las. Parece que era este o problema de alguns membros da Igreja de Corinto. Pelo que Paulo escreve, deixa entender que alguns irmãos aceitavam a ressurreição de Cristo; porém, negavam a ressurreição dos crentes. Paulo argumenta que negar a ressurreição futura dos crentes, equivale a negar a historicidade da ressurreição de Cristo (1Co 15.12-19). O fato é que a ressurreição de Cristo dá sentido à nossa esperança; a história da ressurreição de Cristo é o fundamento e prenúncio da nossa ressurreição futura (Vejam-se: Rm 6.5; 8.11; 1Co 6.14; 15.20; 2Co 4.14). Cristo é as primícias daqueles que virão posteriormente por meio dele; em Cristo temos o penhor do Espírito, a garantia da nossa ressurreição. Esta é a nossa esperança; e, para ela fomos regenerados pela ressurreição de Jesus Cristo (Cf. 1Pe 1.3). “Crer na Ressurreição do Senhor de entre os mortos e em sua Ascensão ao céu fortalece nossa fé com uma grande esperança”.²⁹

O corpo de Cristo ressurreto é o modelo do corpo glorioso que teremos na eternidade (Cf. Fp 3.21; 1Jo 3.2; 1Co 15.42-44, 50-56). “Assim como ele ressuscitou

29 Agostinho, *A Doutrina Cristã*, São Paulo: Paulinas, 1991, I.15.14, p. 63.

no mesmo corpo no qual tinha padecido e o qual, todavia, teve depois outra glória, diferente da de antes, assim também nós ressuscitaremos com o mesmo corpo que agora temos, e, contudo, seremos diferentes depois da ressurreição”.³⁰

IMPLICAÇÕES DOCTRINÁRIAS E PRÁTICAS:

1) A certeza da ressurreição de Cristo está alicerçada em seu coração? (*Leia: Rm 10.9-10*). “Declaramos positivamente que ninguém tem feito nenhum progresso na escola de Cristo, a menos que espere rejubilante o dia de sua morte e ressurreição final”.³¹

2) A ressurreição de Cristo é o selo que garante a nossa salvação e ressurreição para a vida eterna (*At 26.23; 1Co 15.20,23*).

3) O Cristianismo é uma religião de ressurreição; a ressurreição é o ponto de convergência da nossa fé; negar a veracidade histórica da ressurreição de Cristo significa tirar toda a razão de ser, histórica e transcendente do Cristianismo. Sem a ressurreição de Cristo, é vã a nossa fé, vã a nossa pregação, vã a nossa esperança, vã a nossa vida... A ressurreição de Cristo dá sentido à nossa vida e morte, fé e esperança (*1Co 15.12-16,32*). A conclusão da argumentação de Paulo é: “Se Jesus não foi ressuscitado, os crentes não têm esperança da ressurreição e podem apelar às filosofias hedonistas da vida”.³²

4) A ressurreição de Cristo indica de forma definitiva a sua filiação divina (*Rm 1.4*).

5) “A fé dos cristãos não é louvável porque eles crêem no Cristo que morreu, mas no Cristo que ressuscitou. Pois, também o pagão acredita que ele morreu e te acusa como de um crime teres acreditado num morto. Que tens, portanto, de louvável? Teres acreditado que Cristo ressuscitou e esperar que hás de ressuscitar

30 João Calvino, *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa*, São Paulo: Cultura Cristã, 2006, Vol. 2, (II.4), p. 122. Ver: Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, p. 952-953.

31 João Calvino, *A Verdadeira Vida Cristã*, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 66.

32 G.R. Habermas, *Ressurreição de Cristo*: In: Walter A. Elwell, ed. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, São Paulo: Vida Nova, 1990, Vol. III, p. 290.

por Cristo. Nisto consiste uma fé louvável. ‘Se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo’ (Rm 10.9). (...) Esta é a fé dos cristãos”.³³

6) A certeza da presença do Cristo vivo em nosso meio deve ser um estímulo a uma vida consagrada a Deus (Rm 6.8-7.6).

7) O fato da ressurreição é motivo de conforto e estímulo para os fiéis que perseveram em sua fé aguardando o retorno glorioso de Jesus Cristo. “Sem a ressurreição não podemos consolar-nos de nenhuma maneira; todos os argumentos possíveis serão insuficientes para alegrar-nos”.³⁴

³³ Agostinho, *Comentário aos Salmos*, São Paulo: Paulus, (Patrística, 9/3), 1998, (SI 101), Vol. III, p. 32-33.

³⁴ Juan Calvino, *Se Deus fuera nuestro Adversario*: In: *Sermones Sobre Job*, Jenison, Michigan: T.E.L.L., 1988, (Sermon nº 6), p. 79.

A ASCENSÃO DE JESUS CRISTO

INTRODUÇÃO

A ascensão de Cristo é um fato que tem alta relevância para a fé cristã; a ascensão é uma decorrência natural da sua ressurreição, se constituindo no selo do cumprimento da sua obra expiatória.

O *Catecismo Maior de Westminster*, respondendo à pergunta de nº 53, “Como Cristo foi exaltado em sua ascensão?”, diz:

Cristo foi exaltado em sua ascensão em ter, depois de sua ressurreição, aparecido algumas vezes aos apóstolos e conversado com eles, falando-lhes das coisas pertencentes ao reino de Deus, impondo-lhes o dever de pregar o Evangelho a todos os povos, e em subir aos mais altos céus, no fim de quarenta dias, levando a nossa na-

tureza, e, como nosso Cabeça, triunfando sobre os inimigos, para ali, à destra de Deus, receber dons para os homens, elevar nossos afetos para lá e preparar-nos um lugar, onde ele está e estará até à sua segunda vinda, no fim do mundo.

1. A NARRATIVA BÍBLICA:

Após a ressurreição, Jesus Cristo apareceu aos seus discípulos em ocasiões diferentes, no período de quarenta dias (At 1.3; 1Co 15.3-7). A ascensão deu-se justamente após esses quarenta dias.

O episódio da ascensão é descrito por Marcos (Mc 16.19-20) e Lucas (Lc 24.50-53; At 1.9-12). Paulo e o escritor de Hebreus também mencionam o fato (Ef 1.20; 4.8-10; 1Tm 3.16; Hb 1.3; 4.14; 9.24). Os detalhes diferem; mas, não há contradições nas narrativas.

A essência das descrições feitas por Marcos e Lucas é que Jesus foi elevado às alturas na presença dos seus discípulos. Creio ser inútil e leviano discutirmos a “velocidade” em que Jesus foi assunto aos céus ou, o tempo gasto por ele para chegar ao seu destino. Charles Erdman (1866-1960), afirmou corretamente: “Não devemos, porém, pensar que ele transitou por espaços infinitos e agora está numa distância enorme, em alguma região remota. É que no universo não existem ‘alturas’ nem ‘baixuras’. Só por simples convenção de linguagem, aliás correta, é que dizemos ter ele ‘ascendido’. É o modo próprio de dizer que desapareceu das vistas humanas, afastou-se de condições materiais, para penetrar nas celestiais e espirituais.”¹

Devemos ressaltar que de fato, Jesus partiu de um lugar para o outro:² ele veio da parte de Deus e retornou para Deus (Jo 6.62) e, que na ascensão, a natureza humana de Cristo passou para “a plenitude da glória celeste e foi perfeitamente adaptada à vida do céu.”³

1 Charles E. Erdman, *Atos dos Apóstolos*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960, p. 19. Do mesmo modo, ver: Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 315.

2 Vd. Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 516-517.

3 L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Campinas, SP.: Luz para o Caminho, 1990, p. 351.

2. A ASCENSÃO COMO PRESSUPOSTO TEOLÓGICO:

Ainda que somente Marcos e Lucas descrevam a ascensão de Cristo, a veracidade deste acontecimento é um pressuposto fundamental em outros escritos do Novo Testamento, quando se referem, por exemplo, ao regresso do Filho e, ao fato de estar assentado à direita de Deus (At 2.32-36; 7.55,56; Rm 8.34; Ef 1.20-23; Cl 3.1; 1Ts 3.13; 4.14-17; Hb 1.3,4; 8.1; 10.12; 2Pe 3.10-12; Ap 3.21). Pedro, Paulo e João estavam convictos de que Jesus Cristo foi assunto ao céu, estando à direita de Deus, de onde retornaria para nos levar com Ele e julgar todos aqueles que não crêem no seu nome.

3. O SIGNIFICADO E PROPÓSITO DA ASCENSÃO:

Quando lemos a narrativa feita no Evangelho de Lucas da ascensão de Cristo, um fato que se destaca e, que a princípio, pode parecer estranho, é o júbilo dos discípulos (Lc 24.52). A alegria descrita por Lucas por parte dos discípulos, obviamente não era devido simplesmente à partida de Cristo mas, sim, pela compreensão, ainda que não plena, do significado e propósito da ascensão do seu Senhor e pelo amor que sentiam por ele (Jo 14.28). Estudemos, então, o significado e propósito da ascensão de Cristo:

3.1. RESPONSABILIDADE DA IGREJA:

A ascensão denota a nossa grande responsabilidade de vivermos como o Corpo de Cristo no mundo. A Igreja é o sinal da presença de Cristo no mundo, através do seu Espírito que em nós habita (1Co 6.19; Gl 4.6; Fp 1.19). Por isso, a Igreja, no calor do Espírito proclama o Evangelho, tendo a responsabilidade de transmiti-lo a outros, como fiel despenseira da verdade (Mc 16.19,20; 1Co 4.1,2). Uma parte fundamental da proclamação da Igreja, consiste em viver diariamente como Corpo de Cristo, guiado e alimentado pela cabeça que é Cristo (Ef 1.22,23; 5.23).

A Igreja é o testemunho da presença e da atuação de Deus entre os homens. A Igreja é o reflexo da presença de Deus.

A Igreja diz ao mundo através de sua realidade histórica e testemunho, que ainda há esperança de salvação. A Igreja como luz do mundo e sal da terra, constitui-se numa bênção inestimável para toda a humanidade.⁴

“A Igreja, portanto, é a presença de Jesus Cristo por meio de seu povo, em prol do mundo. Embora provisória, essa presença é real, humana e histórica. Cristo age por meio da Igreja realizando sua obra e confirmando sua vitória. Nesse sentido, não há salvação fora da Igreja, desde que esta se disponha a servir e glorificar Jesus Cristo.”⁵

Dietrich Bonhoeffer, falando da “pessoalidade” da Igreja, disse:

Após a ascensão, o espaço que Jesus Cristo ocupava no mundo passou a ser ocupado por seu corpo, a Igreja. A Igreja é o próprio Cristo presente em pessoa.⁶

A Igreja como Corpo de Cristo vive para a glória de Deus – que é o maior de todos os privilégios que teremos, quer aqui, quer no céu (Jo 17.24) –, e como meio para que os homens glorifiquem a Deus (Mt 5.14-16; Fp 2.15). “Cumpre-nos viver de tal modo que, quando homens e mulheres olharem para nós, constituamos para eles um problema. E então perguntarão entre si: ‘Que é isso? Por que esses crentes são tão diferentes de nós, diferentes em sua conduta e comportamento, diferentes em suas reações? Existe nesses crentes alguma coisa que não podemos compreender, que não somos capazes de explicar’. E assim nossos semelhantes serão impelidos à única explicação verdadeira, a saber, que somos o povo de Deus, os filhos de Deus, os ‘... herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo’ (Rm 8.17). Nós nos teremos feito refletores de Cristo, cópias de Cristo.

4 Vd. R.B. Kuiper, *El Cuerpo Glorioso de Cristo*, Grand Rapids, Michigan: Subcomision Literatura Cristiana de la Iglesia Christiana Reformada, 1985, p. 242-247.

5 Jacques de Senarclens, *Herdeiros da Reforma*, São Paulo: ASTE, 1970, p. 357.

6 D. Bonhoeffer, *Discipulado*, 2ª ed. São Leopoldo, RS.: Sinodal, 1984, p. 147.

Da mesma forma que ele é a ‘luz do mundo’, também nós ter-nos-emos tornado em ‘a luz do mundo’.”⁷

A ascensão de Cristo é um estímulo a perseverarmos firmes na fé, sabendo que o Senhor que foi entronizado reina e, nos socorre em todas as circunstâncias (Hb 4.14-16).

3.2. A VITÓRIA DO FILHO:

Os textos bíblicos referentes a Jesus Cristo como estando à direita de Deus, indicam a sua vitória, honra, poder e glória; por isso, ele mesmo disse: “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono” (Ap 3.21). O regresso de Jesus ao Pai, evidencia a realização completa de toda a obra a qual viera realizar.⁸

A ascensão do Filho ressalta o cumprimento de sua missão, revelando o seu estado de glória (Mc 16.19; At 2.32-36; 7.55; Cl 3.1; 1Tm 3.16; Hb 1.1-4) e *Poder* (Ef 1.20,21; 1Pe 3.22).

Na realidade Jesus Cristo, retornou ao seu estado anterior à encarnação, quando ele, espontaneamente renunciara à glória e à dignidade divinas que faziam parte do seu ser (2Co 8.9; Fp 2.5-11; Jo 1.1-3; 17.1-5; Jo 3.13; 6.62; 7.33; 16.5; Ef 4.10). A sua humilhação e a sua exaltação não afetaram a essência da sua natureza Divina. “Quando ele tomou sobre si a forma de um servo em nossa natureza, ele se tornou aquilo que nunca havia sido antes,⁹ mas não deixou de ser aquilo que sempre tinha sido em sua natureza divina. Ele, que é Deus, não pode deixar de ser Deus. A glória da sua natureza divina estava velada, de forma que aqueles que o viram não acreditaram que ele era Deus. Suas mentes não podiam entender algo que eles nunca haviam conhecido antes, que uma e a mesma pessoa pudesse ser Deus e

7 D. Martyn Lloyd-Jones, *Estudos no Sermão do Monte*, São Paulo: Fiel, 1984, p. 167-168.

8 Vd. Herman Bavink, *Our Reasonable Faith*, 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984, p. 396.

9 Ver também: William Hendriksen, *O Evangelho de João*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, (Jo 1.14), p. 118.

homem ao mesmo tempo. Todavia, aqueles que crêem sabem que ele, que é Deus, humilhou-se ao assumir a nossa natureza, a fim de salvar a Igreja para a eterna glória de Deus”.¹⁰

Vemos aqui, de passagem, a necessidade da ascensão: Aquele que veio num determinado momento histórico, no “estado de humilhação”, fazendo-se pobre (2Co 8.9); agora, após cumprir cabalmente a sua obra sacrificial, volta, no momento preciso, publicamente, no “estado de exaltação”, para Deus. A ascensão é uma das maiores evidências históricas da volta de Cristo ao seu estado de glória (Jo 17.5,24).

3.3. O CUMPRIMENTO DAS ESCRITURAS E DAS PALAVRAS DE CRISTO:

O Antigo Testamento profetizara a vitória de Cristo, assentando-se à direita de Deus (Sl 110.1). Hebreus indica o cumprimento da profecia em Cristo (Hb 1.3). Jesus Cristo fez, em ocasiões diferentes, referência à sua volta ao Pai; indicando com isso, a certeza que Ele tinha do cumprimento da sua missão bem como da sua trajetória; desta forma, a sua ascensão se constitui numa demonstração da sua onisciência e fidelidade (Jo 6.62; 7.33; 14.2,12,28; 16.5,10,17, 28; 17.11; 20.17).

3.4. A CONTINUIDADE DO SEU CORPO FÍSICO:

A ascensão demonstra que o Senhor ressurreto, que comeu com os discípulos e podia ser visto e tocado por eles (Mt 28.9; Mc 16.14; Lc 24.39-40; Jo 20.18,20,27; 1Co 15.4-8), foi assunto com esse mesmo corpo ao céu, de onde retornará para julgar os vivos e os mortos (Jo 16.28; 17.11; Lc 24.50-51; At 1.9-11).

Grudem comenta: “Jesus continua existindo nesse corpo humano no céu, conforme a ascensão tem o propósito de ensinar”.¹¹

¹⁰ John Owen, *A Glória de Cristo*, São Paulo: PES., 1989, p. 30. Vd. Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 465.

¹¹ Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 438.

3.5. O SUMO SACERDOTE ETERNO:

Jesus Cristo no Céu, cuida dos interesses do seu povo,¹² apresentando-se como Rei-Sacerdote que intercede pelos Seus, tendo como respaldo o seu sacrifício único, perfeito e eficaz, cujos benefícios são oferecidos e aplicados ao seu povo (Hb 8.1; 9.23-28; 10.10,12,14; Rm 8.34; Hb 7.25; 1Jo 2.1). A nossa comunhão com Deus é em Cristo, através de Cristo e com Jesus Cristo.¹³

3.6. A CERTEZA DE QUE ELE NOS CONDUZIRÁ AO CÉU:

Jesus Cristo prometeu preparar-nos lugar na casa de seu Pai, onde seríamos recebidos (Jo 14.2,3). A sua ascensão indica que ele garante para o seu povo o lugar eterno no céu, onde pessoalmente nos receberá (Jo 14.3; 1Ts 4.17). Ele foi o nosso precursor (Hb 6.20). Jesus adentrou ao céu não apenas para si mesmo mas, para o seu povo, proclamando o cumprimento de sua obra redentora, tendo como colheita todos os eleitos.¹⁴ “O fato de que Jesus já ascendeu ao céu e atingiu o alvo que lhe havia sido estabelecido nos dá a grande segurança de que um dia também iremos para lá.”¹⁵

3.7. A VINDA DO ESPÍRITO SANTO:

Jesus Cristo estabeleceu uma relação causal entre a sua partida e o envio do Espírito Santo (Jo 16.7). A vinda do Espírito Santo para batizar definitivamente a Igreja (At 2.1-4; 1Co 12.13), pressupõe a ascensão triunfante de Cristo e, consiste no cumprimento das palavras de Cristo. “A doação do Espírito assim anuncia a exaltação divina de Cristo à destra do Pai. É a expressão pública de

12 Vd. Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 518.

13 Boanerges Ribeiro, *O Senhor que Se Fez Servo*, São Paulo: O Semeador, 1989, p. 75.

14 Vd. João Calvino, *Exposição de Hebreus*, São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 6.20), p. 173-174; F.F. Bruce, *La Epistola a los Hebreos*, Grand Rapids, Michigan: Nueva Creacion, 1987, p. 133-134.

15 Wayne A. Grudem, *Teologia Sistemática*, p. 519.

sua coroação.”¹⁶ Ele de fato, juntamente com o Pai enviou o Espírito Santo (Jo 14.16,26; 15.26; 16.7);¹⁷ Ele não nos deixou órfãos (Jo 14.16-18), sendo o Espírito o penhor da nossa herança até o resgate final (Ef 1.13,14; 2Co 1.22; 5.5).

O Espírito assinala a vitória de Cristo, visto que ele aplica em nossos corações os méritos gloriosos de Cristo. É por esta razão que o Espírito opera em nós de forma jamais vista antes da ascensão de Cristo (Jo 7.39; At 2.1-4; 2.33,34). “O envio do Espírito era essencial, pois, enquanto Jesus só podia atuar nos discípulos por meio de ensinamentos externos e exemplos, o Espírito Santo poderia trabalhar dentro deles (Jo 14.17).”¹⁸

Como vimos, Cristo cumpriu perfeitamente as demandas da Lei e adquiriu todas as bênçãos que envolvem a salvação. A obra do Espírito consiste em aplicar os merecimentos de Cristo aos pecadores, capacitando-os a receberem a graça da salvação. Desta forma, podemos dizer que o ministério soteriológico do Espírito se baseia nos feitos de Cristo e, que o ministério sacrificial de Cristo reclama a ação do Espírito (Jo 7.39; Jo 14.26; 16.13-14). A ascensão é que propicia esta transição.

3.8. O REGRESSO DE CRISTO:

A ascensão ratificou o que Cristo dissera a respeito de ir para o Pai; ele também falou do seu retorno glorioso para junto dos Seus. Ele foi assunto ao céu entre nuvens e, da mesma forma voltará sobre as nuvens com poder e glória (Mt 24.30; Mc 14.62; Lc 21.27,28; Ap 1.7).

Desde a ascensão de Cristo, a Igreja aguarda e apressa a sua vinda (2Pe 3.12) e, em momento algum, deve se esquecer da sua presença real e confortadora através do seu Espírito que nos deu (Rm 8.9; Gl 4.6; Fp 1.19). O Espírito em nós revela-nos as venturas futuras que agora, apenas vislumbramos pela fé e, que

16 Sinclair B. Ferguson, *O Espírito Santo*, São Paulo: Editora os Puritanos, 2000, p. 90.

17 “A primeira obra que Cristo realizou depois de sua exaltação à mão direita do Pai foi o envio do Espírito Santo” (Herman Bavinck, *Our Reasonable Faith*, p. 386).

18 Millard J. Erickson, *Introdução à Teologia Sistemática*, p. 315.

já desfrutamos apenas embrionariamente. Quando Cristo regressar, teremos a plenitude, inclusive a plenitude do Espírito (Rm 8.23; 1Co 15.44).

IMPLICAÇÕES DOUTRINÁRIAS E PRÁTICAS:

1) Jesus Cristo sempre cumpre a sua Palavra. Portanto, devemos confiar inteiramente em suas promessas.

2) “Ao termos em mente a ascensão, não devemos confinar nossa visão ao corpo de Cristo, mas nossa atenção é direcionada para o resultado e fruto dela, ao sujeitar ele céu e terra ao seu governo.”¹⁹

3) À Igreja compete viver como despenseira dos mistérios de Deus; sendo ela mesma o testemunho da presença de Cristo no mundo. A Igreja somos nós; portanto a responsabilidade da Igreja é a nossa.

4) Já nesta vida, somos mais do que vencedores através de Cristo (Rm 8.34-37).

5) A intercessão de Cristo em nosso favor é eterna e eficaz; todavia os que são de Cristo não se servem deste fato para dar ocasião ao pecado (1Jo 2.1).

A Igreja deve estar preparada para se encontrar com o seu Senhor.

19 João Calvino, *O Livro dos Salmos*, São Paulo: Paracletos, 1999, Vol. II, (Sl 68.18), p. 660-661.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Esta obra foi composta em Goudy Old Style (12/90%) e impressa
por Imprensa da Fé sobre o papel polem bold 70g/m²,
para Editora Fiel, em abril de 2014.

Um Compromisso de Fé

O Credo Apostólico é um dos mais antigos e belos documentos da Cristandade. Sua fórmula sucinta e fácil de gravar tem sido usada pela igreja cristã há quase dois mil anos e representa um verdadeiro compromisso de fé do cristão sincero. Nesta importante obra, escrita com clareza e profundidade pelo professor e pastor Hermisten Maia, o Credo Apostólico é comentado em detalhes e apresentado em toda sua riqueza teológica e devocional. O livro que o leitor tem nas mãos é uma pequena Teologia Sistemática e uma obra de referência para ensino tanto em igrejas, como seminários.

O pastor presbiteriano Hermisten Maia é um dos mais prolíficos eruditos cristãos no Brasil. Aqueles que têm a oportunidade de ler alguns dos seus muitos ensaios e livros se beneficiam não somente das detalhadas bibliografias sugeridas para pesquisa posterior, mas de textos edificadas na Sagrada Escritura, em interação respeitosa com a tradição cristã e leais à tradição confessional e reformada. Recomendo com alegria este comentário ao Credo dos Apóstolos, que pode ser usado com proveito no estudo pessoal, em classes de novos membros, grupos pequenos, seminários e faculdades teológicas e cursos introdutórios à teologia sistemática. Que, ao redescobrimos a beleza e vigor das doutrinas centrais da fé cristã, como expostas nesta obra, sejamos edificados, confortados, guiados e desafiados, e que Deus em tudo seja glorificado.

*Franklin Ferreira,
Diretor do Seminário Martin Bucer*

Dr. Hermisten é uma das pessoas mais bem qualificadas no Brasil para sintetizar o pensamento evangélico histórico. A igreja brasileira carece de obras que sejam bíblicas em seu embasamento, teologicamente comprometidas com a interpretação histórica da Igreja Cristã, claras e lógicas em sua exposição e que possam ser aplicadas às necessidades práticas dos cristãos brasileiros. "Creio" reúne todas estas qualificações. Recomendo com entusiasmo.

*Augustus Nicodemus Lopes,
Diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.*



Categoria: Teologia / Doutrina